

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E  
GEOGRAFIA**

**“PRÁTICA DE ENSINO:  
UMA VIVÊNCIA NAS ESCOLAS DE 1º E 2º  
GRAUS”**

**CORDENADORA : ERONIDES CÂMARA DONATO**

**ORIENTADORA : ERONIDES CÂMARA DONATO**

**ALUNA : LUCIANA DAS NEVES COSTA**

**PERÍODO : 96.1**

**CAMPINA GRANDE - SETEMBRO - 1996.1**

# **DEDICATÓRIA**

**Edilene do Nascimento Diniz**

**Um sentimento forte e puro nos invade por dentro: Saudade.**

**Como seria bom se pudéssemos trocar: sorrisos, abraços, carinhos.**

**Você, uma criatura que muito nos deixou, através da alegria do teu ser, tão verdadeiro e bonito.**

**Nesse momento, de imensa satisfação, aproveitamos a oportunidade para eternizar a nossa sincera afeição a você Edilene, cuja ausência sentimos, porém estarás sempre viva em nossos corações e eterna em nossos pensamentos.**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita sabedoria e por tudo o que nos proporcionastes.

A meus pais, que compartilharam os meus ideais e os alimentaram, incentivando-me a prosseguir nos meus estudos .

Aos meus irmãos, Luciene, Cristiane e Luiz Inácio, que se mantiveram sempre ao meu lado dando a maior força.

A Tatiana, minha linda sobrinha.

Ao meu namorado Ubiratam pela compreensão e incentivo.

A Dr.Jackson e Sra. Maria das Dores, pela hospitalidade e carinho com que me trataram .

Aos mestres, aos meus avós, tios , parentes e amigos, enfim, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que eu alcançasse minha meta. Dedico a todos essa conquista, com a mais profunda admiração e respeito.

E especialmente a minha orientadora Eronides, pela paciência, dedicação e atenção em nos transmitir sua experiência, enquanto pessoa e profissional.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

1º CAPÍTULO : Escola Pública: Perfil da Educação .....	17
2º CAPÍTULO : Uma Prática de Ensino Diferente .....	31
3º CAPÍTULO : Planejamento: Uso do Livro Didático .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
BIBLIOGRAFIA .....	43

## ANEXOS :

ANEXO I - “Hino da Escola”.

ANEXO II - “Planos de Aula”

ANEXO III - “Mapas”

ANEXO IV - “Textos”

ANEXO V - “Planos de Ensino”

ANEXO VI - “Planos de Unidade”

ANEXO VII - “Dramatização”

ANEXO VIII - “Possível Diálogo”

ANEXO IX - “Exercício”

ANEXO X - “Prova Escrita”

ANEXO XI - “Relação dos Alunos”

ANEXO XII - “Lista de Presença”

# **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

No final do semestre da Universidade, os formandos do curso de licenciatura em História têm que fazer um relatório, com a intenção de relatar toda a sua experiência na Prática de Ensino de 1º e 2º graus. Só que no período 96.1, a coordenadora da referida disciplina, Eronides Câmara Donato, sugeriu que começássemos nosso Estágio Supervisionado mais cedo, para que fizéssemos um relatório um pouco mais elaborado, tentando trabalhar a teoria e a prática. Realizamos nossas aulas nas Escolas Estaduais de Bodocongó e da Prata.

Diante dessa perspectiva de trabalho, elaboramos três capítulos que congrega toda a nossa Prática de Ensino de 1º e 2º graus. No primeiro capítulo abordamos a historicidade das escolas mencionadas chamando atenção para o perfil da educação no período militar até a atualidade. No segundo capítulo, relatamos nossas experiências no Estágio Supervisionado na 5ª série do 1º grau e no 3º ano científico, dando ênfase a integração, ao conjunto na elaboração do planejamento das nossas aulas.

E no terceiro capítulo, fizemos uma discussão teórica a respeito do uso dos livros didáticos no planejamento, pois eles estão envolvidos na prática educativa escolar e na prática docente, na medida em que os livros didáticos são veículos de conteúdos e modos de ensino/aprendizagem, tais como orientações para estudo, exercícios, sugestões de atividades.

Por fim, nas considerações finais, iremos levantar pontos que vieram a tona de acordo com a leitura que fizemos e faremos uma análise com a intenção de contribuir para a transformação de ensino de História no 1º e 2º Graus.

## **1º CAPÍTULO**

# **ESCOLA PÚBLICA PERFIL DA EDUCAÇÃO**

**“Uma viagem de mil léguas começa com o primeiro passo”.**

## ESCOLA PÚBLICA: Perfil da Educação

Vamos iniciar esse capítulo com a intenção de fazer um histórico sobre a escola que estagiamos como concluinte do curso de História da UFPB, no período de 27 de maio à 29 de julho do presente ano. Trabalhamos na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira, mais conhecida como Estadual de Bodocongó, que foi a escola escolhida por sugestão da coordenadora da Prática de Ensino, professora Eronides, para estagiarmos a nível de primeiro grau.

Para traçar um perfil da história da escola, escolhemos os seguintes temas: o surgimento da escola, mostrando o processo de sua criação até mais ou menos a década de noventa; as contribuições do Estado, da indústria e da Igreja na fundação e desenvolvimento da escola; o número de alunos matriculados na fundação da escola e os números atuais, onde fizemos um estudo comparativo; a participação da comunidade na reivindicação por uma escola no bairro; a integração das escolas; e algumas questões referente ao período militar e sua relação com a educação brasileira.

Ao longo deste relatório surgiram algumas temáticas que foram desenvolvidas de acordo com a necessidade que tivemos.

No final deste capítulo fizemos algumas considerações acerca da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Elpídio de Almeida, mais conhecido como colégio Estadual da Prata, onde estagiamos a nível de 2º grau.

A Escola Estadual de Bodocongó surgiu, segundo os documentos pesquisados<sup>1</sup>, a partir de uma necessidade da comunidade ter no bairro uma escola secundarista para abrigar as pessoas que tinham que estudar nas escolas situadas fora do bairro. Essa "reivindicação" foi conhecida quando uma estagiária do curso de Serviço Social foi ao bairro fazer uma pesquisa que tinha como objetivo conhecer as necessidades dos moradores.

As instituições (o Departamento Educacional da Sociedade de Amigos de Bodocongó - SABB, a Igreja, a Indústria e o Estado) se articularam para garantir a criação da escola. Várias reuniões foram realizadas com as pessoas que representavam estas instituições e a comunidade.

A SABB, por exemplo, realizou uma pesquisa para saber quantos alunos do bairro estudavam no centro da cidade, para se ter uma noção do número de alunos que a escola poderia abrigar. Os dados apontaram que 120 (cento e vinte) alunos iriam fazer exame de admissão à 1º série ginásial (hoje é o que chamamos de 5ª série) e 90 (noventa) alunos já cursavam essa mesma série em outros colégios, distante da comunidade de Bodocongó.

Além da participação da SABB na criação da escola, houve também a do Estado, da Indústria e da Igreja, no caso a paróquia contribuiu com o espaço físico, ou seja, o espaço da Escola Stª Rita, onde foi instalada no dia 1º de abril de 1965 sob a administração do diretor Raimundo Gadelha Fontes. Anteriormente, a Escola de Bodocongó funcionava como sucursal do colégio Estadual de Campina

---

<sup>1</sup> Cf. SOUZA, Valba Luz Freire de. "Escola Estadual de Bodocongó: Histórico do Colégio. Texto mimeo, em forma de livro.

Grande (atualmente é o colégio da Prata). Naquela época (década de 60) a organização escolar se dava dessa maneira, ou seja, havia o que podemos chamar de matriz e as sucursais. A escola estadual de Bodocongó era a segunda sucursal da cidade (a primeira era a escola Estadual da Liberdade). Ao Estado, coube o papel de no primeiro momento contribuir com os professores, funcionários e o material didático. A indústria contribuiu ampliando o Grupo Escolar Francisco Manuel da Mota, hoje SESI. Em 1967, o industrial Adhemar Veloso da Silveira nome atual da escola, doou um terreno ao Estado para construir o prédio do colégio.

## **1. O número de alunos matriculados**

Na instalação da nova sucursal em 1965, cento e vinte e sete alunos foram matriculados. Foram divididos em duas turmas de segunda série, uma de primeira série e outra de terceira série. Cinquenta e três pessoas fizeram o exame de admissão à primeira série ginásial, mas apenas dezenove passaram. Diante desse dados, ficamos nos perguntando o motivo pelo qual a maioria dos alunos foram reprovados, pois no livro da escola, não contém essas informações.

A administração da escola constatou que dos cento e vinte e sete alunos matriculados na sua inauguração, somente vinte e três moravam no bairro, enquanto que o restante dos alunos moravam em bairros diferentes. Isso nos mostra que a escola Estadual de Bodocongó foi

instalada num local estratégico, pois sua rua dá acesso a avenida Aprígio Veloso.

Esses dados apontam indícios que a escola ainda não comportava o alunado do bairro, mesmo sendo uma necessidade da comunidade, mas que não havia uma participação “efetiva” dela.

A partir dessa tabela, observamos alguns dados referentes a escola.

ANOS	ALUNOS	PROFESSORES	FUNCIONÁRIOS	OUTROS DADOS
1966	200	13	10	Criação de mais uma sala de aula
1967	216	11	09	
1968	256	14	11	
1969	357	17	11	
1970	875	49	10	Término da construção do prédio.
1971	932	61	25	
1972	1066	59	22	
1973	1124	62	31	
1974	1216	60	43	
1975	1148	54	35	
1976	1175	46	35	
1977	1402	46	37	
1978	1447	49	32	
1979	1447	52	32	
1980	1501	58	32	
1981	1521	51	35	
1982	1496	58	36	
1983	1490	55	31	
1984	1520	45	36	
1985	1499	37	59	
1986	1674	53	83	
1987	1850	44	83	
1988	1960	54	97	
1989	2256	51	96	
1990	2035	45	97	
1991	2130	53	84	
1992	2192	47	86	
1993	2088	53	85	
1994	2159	51	73	

Fonte : Escola Estadual de Bodocongó "Uma Fonte de Saber"- 1965-1995-Valba Luz Freire de Sousa.

Esses dados nos mostram que houve um acentuado crescimento no número de alunos matriculados na escola Estadual de Bodocongó, enquanto que o número de professores e funcionários oscila, pois em determinados anos o número de professores é maior que o de funcionários e vice-versa.

É interessante notar que em cada ano, a escola matriculou mais alunos. Diante disso, temos a idéia de que a criação da escola foi benéfica para a população do bairro, assim como de outros pontos da cidade.

Comparemos a população escolar de 1965 e 1995.

#### ALUNOS MATRICULADOS

1965	1995
5ª Série = 40 alunos	5ª Série = 765 (manhã, tarde e noite)
6ª Série = 68 alunos	6ª Série = 478 (manhã, tarde e noite)
7ª Série = 17 alunos	7ª Série = 311 (manhã, tarde e noite)
125	8ª Série = 271 (manhã, tarde e noite)
-	1º científico = 131 (tarde e noite)
-	2º científico = 90 (noite)
-	3º científico = 65 (noite)
-	2.111

Fonte : (a mesma do quadro anterior).

Como podemos notar no período de trinta anos a população escolar cresceu "bruscamente", mas há indícios de que nem todo os

alunos chegam ao final do período letivo e também, não tivemos acesso aos motivos de tal evasão escolar.

Com relação a faixa etária do alunado, verificamos que no ano da fundação, a maioria da população escolar tinha em média dezoito anos. Na década de oitenta, a faixa etária de maior índice estava entre os treze aos quinze anos. Portanto, há indícios de que os alunos eram incentivados a começar seus estudos bem mais cedo. A título de exemplo, na quinta série “E” de 1996 (sala onde realizamos o estágio) a idade média do alunado é de doze a treze anos.

## **2. As Estratégias da Administração para Consolidação da Escola**

Observamos pela leitura do histórico que a administração escolar com a participação da comunidade propiciou através de estratégias mecanismo que resultaram em interesses consolidados da Escola como forma de ter respondido perante a comunidade, diante disso analisamos algumas formas de estratégias para legitimação da Escola.

Com o término da construção do prédio em 1970, criou-se uma biblioteca, que contava com vários livros, como por exemplo: dicionários, enciclopédia Barsa. Nesse mesmo ano, criaram-se os departamentos de português, matemática, ciências, estudos sociais e educação física.

Para preservar a memória do colégio, foram criados vários mecanismos para esse fim.

A professora Miriam Xavier de Araújo em 1972 compôs o hino (ver anexo 1) da escola Estadual de Bodocongó, que foi cantado pelo coral formado pelos alunos e tocado pela Banda Marcial da Polícia Militar.

Já no ano seguinte, houve um concurso entre os alunos para a escolha da bandeira do colégio.

A secretaria de Educação e Cultura em 1974 doa à escola os instrumentos da banda marcial, (que dois anos antes tiveram participação no hino da escola) que foram bem marcantes no período militar tendo como símbolos os hinos, a bandeira, as datas oficialmente comemorativas.

Em 1977, se tem uma participação mais ativa da comunidade com a fundação da sociedade Amigos do Colégio Estadual de Bodocongó (SACEB), tendo a finalidade de congregar as pessoas que desejassem trabalhar em prol do colégio, porém não houve êxito (não sabemos o motivo).

Nesse mesmo ano, a escola ficou em terceiro lugar no II Festival Colegial de Campina Grande, com a peça "A ameaça veio com a chuva".

Em maio de 1978, o grupo teatral apresentou no teatro Severino Cabral a peça "Libélula Sapateirinha". É interessante notar que o grupo teatral da escola parecia ter apoio nos eventos culturais da cidade. Além disso, a escola incentivou na fundação do Centro Artístico "Jorge Miranda" sob a coordenação da professora de Educação Artística.

Em 1979, com a visita do Secretário de Educação e Cultura iniciou-se o Programa de Educação Integrado à Arte, com os alunos da 6ª série que desenvolveram atividades no setor de couro, bonecas de pano e violeiro. Também foi implantado a merenda escolar depois de seis anos de espera.

No que diz respeito ao incentivo da integração das escolas , falaremos um pouco no próximo tópico.

### **3 - INTEGRAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS**

Com a lei nº 5.692/71<sup>2</sup> criou-se o complexo que permitia uma certa integração das escolas. Essa integração ocorria através da orientação técnico-pedagógica. Esse complexo era constituído das seguintes escolas: Escola Integrada do Monte do Santo, o Grupo Manuel da Mota e o Colégio Estadual de Bodocongó que passaria a se chamar de Escola Integral de 1º Grau de Bodocongó.

Esse dado nós é curioso por haver esta integração durante o regime militar. Essa curiosidade diz respeito as imagens que temos desse período. Período conturbado e violento da nossa história, mas que não podemos negar que o aspecto da integração existente entre as escolas publicas possivelmente contribuiu para a discussão dos conteúdos, das metodologias a serem trabalhados. Entretanto, por outro lado, não temos um estudo mais profundo dos reais interesses do governo na época sobre a integração das escolas públicas, possivelmente com um estudo específico poderia trazer à tona resultados significativos.

---

<sup>2</sup> NAGLE, Jorge. A Reforma e o Ensino. 2ª edição.

De acordo com Anísio Teixeira<sup>3</sup> no período militar coloca-se que “a escola pública é o caminho para integração social”, isto é, estamos falando de um período onde o nacionalismo era fundamental.

“Os indivíduos da nação se fazem verdadeiramente irmãos e tudo que atinge a cada um passa a atingir a todos”.

Por isso mesmo, o nacionalismo impõe a participação de todos na vida nacional, se sentindo cidadãos da mesma pátria.

Frisamos este ponto, pois a questão que iremos abordar neste tópico é a questão da integração, pois ela está presente na estrutura das reformas realizadas no período militar.

A integração é ponto de referência a que se deve recorrer constantemente tanto a níveis de 1º, 2º e 3º graus, tanto na sistematização dos objetivos mais gerais, mais específicos, do relacionamento dos objetivos com o currículo, da composição dele em atividades, áreas de estudo e disciplina, da verificação do rendimento escolar, entre outras questões.

Seus elementos são vários. Por exemplo, a integração dos currículos não só se apresentam num inter-relacionamento das matérias como os modos em que estas se transformam (atividades, áreas de estudo e disciplinas), como também no sistema escolar.

Com a reforma do ensino (Lei nº 5.692/71) as antigas escolas primárias foram integradas com os ginásios, formando a escola de 1º grau, é o que chamamos de continuidade. Diante disso, se teve a revisão dos currículos que resultou numa integração de seu conteúdo e também de sua estrutura, que terminou por repercutir no currículo da

---

<sup>3</sup>TEIXEIRA, Anísio, Educação no Brasil. pp. 320

escola de 2º grau. Com a integração das escolas no aspecto administrativo, o sistema corresponde à faixa etária de 7 (sete) aos 18 (dezoito) anos, tendo em vista novas formas que compõem o currículo.

Segundo NAGLE<sup>4</sup> a idéia de integração se encontra no relacionamento entre currículo das escolas de 1º e 2º graus e a sociedade brasileira, tendo em vista a preocupação em ajustar o processo de educação escolar com as exigências do sistema econômico-social.

Com a Lei nº 5.692/71 os estudos gerais e profissionais se tornam integrados nas escolas de 1º e 2º graus. Isso se deu devido as exigências do mercado de trabalho, ou seja, a necessidades de ordem econômico-social, embutidas na questão da profissionalização. No 1º grau a formação dos alunos no que diz respeito ao ensino profissionalizante se obtém de forma geral, mas ao passar para o 2º grau, esse conhecimento se dava de maneira mais específica, possibilitando o aluno a adquirir uma habilitação profissional.

Diante disso, o que se percebe é a racionalização de todo sistema escolar, devido ao inter-relacionamento entre escolas e graus escolares, ou seja, através da integração.

Com a lei já citada, cada escola é estimulada a entrar em contato com as outras, tendo em vista estender seus aspectos positivos, relacionando-as com a finalidade da diversificação e também eliminar as deficiências que possam ter. Por isso, é que essa lei exige que as escolas estabeleçam entre si o entrosamento e a intercomplementaridade, pelo intercâmbio entre as escolas de modo que

---

<sup>4</sup> NAGLE, Jorge . OP. CIT

umas possam usufruir da capacidade de outras, tanto no que se refere às instalações e equipamentos quanto a qualificação do seu corpo docente.

Essa relação entre as escolas é de certa forma interessante pois, devido a integração física, técnico-pedagógica e administrativa, as escolas são transformadas em complexos, unidades integradas de ensino, ou seja, em escolas integradas ou centros educacionais. Mas, será que essa integração foi comum a todas as escolas? Achamos que cada uma tem sua identidade, e isso não pode se descartado, pois elas por fazerem parte da rede pública têm dimensões que as diferem umas das outras.

## **CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA ESCOLA DE 2º GRAU ESTADUAL DA PRATA**

Depois que tivemos conhecimento que iríamos trabalhar na Escola Estadual de Bodocongó a nível de 1º grau, ficamos sabendo que iríamos fazer nosso Estágio Supervisionado do 2º grau na Escola da Prata, ou, Escola Estadual Elpídio de Almeida de primeiro e segundo graus.

O pessoal da administração da escola não permitiu que tivéssemos acesso aos documentos, desse modo decidimos que iríamos utilizar um questionário com questões que fossem relevantes para nossa pesquisa.

O Colegio Estadual da Prata faz parte do Projeto CEPES (Centro Paraibano de Educação Solidária. Na Paraíba, sete escolas fazem parte desse projeto (quatro em João Pessoa e três em Campina Grande).

Um dos pontos favoráveis para a escolha do Estadual da Prata no Projeto foi por conta do espaço físico e também da aproximação com a escola básica, como o Colégio Nossa Senhora do Rosário e Monte Carmelo, localizado no bairro da Bela Vista (essas duas escolas também fazem parte do Projeto).

Uma das vantagens desse projeto é em relação ao salário do professor que aumentou em torno de 320%. Em compensação, o Estado "exige" que o professor trabalhe os dois espedientes.

Para a capacitação dos professores da escola vão ser oferecidos cursos de aperfeiçoamento, que está programado para janeiro/fevereiro de 1997, com o objetivo de atender as necessidades de todos os professores da escola. Através da Secretaria de Educação, dos professores da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Estadual da Paraíba, que são requisitados para ministrarem esses cursos.

Acreditamos que com esse tipo de aperfeiçoamento, os professores da rede pública, tenham mais contato com a atualização de metodologias e técnicas propiciando uma melhoria no ensino.

Entrevistamos o diretor geral do Colégio Estadual da Prata, Claudionor de Albuquerque Farias, que nos respondeu a algumas questões.

A Escola foi fundada no dia trinta e um de janeiro de 1953, devido a uma necessidade de criação de uma escola em Campina Grande para abrigar os alunos de outros bairros e também dos que não tinham condições de pagar uma escola particular.

Ela surgiu com o nome de Estadual de Campina Grande, e por estar localizada no bairro da Prata, passou a ser chamada de Colégio Estadual da Prata. No ano de 1976, mudou-se o nome para Escola Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida, porque ele foi prefeito da cidade e uma pessoa de certa importância política.

Algumas reformas e construções foram realizadas na escola, como uma área de recreio, cantina e mais duas salas: uma que servia para o grêmio estudantil e outra como depósito.

Nesse ano, a escola com 2.700 (dois mil e setecentos) alunos matriculados nos períodos da manhã, tarde e noite. Segundo o diretor,

vários alunos tem interesse em estudar na escola (até da rede particular).

Todos os sábados a escola oferece um cursinho que tem a participação de 1.000 (mil) alunos. E, só para se ter uma noção dos alunos: 265 (duzentos e sessenta e cinco) estudam na rede particular, enquanto que a maioria é da rede pública. Mas, isso nos mostra que o ensino das escolas particulares não supre totalmente as necessidades dos alunos.

Como o número de alunos no cursinho é grande, há uma divisão por áreas: tecnologias (área um), só tem duas turmas; saúde (área dois), com quatro turmas e a área de humanas (área três), abriga mais de quatrocentos alunos (enquanto que as outras áreas só tem o número de sessenta por turma). Percebe-se que esta é a área mais desejada para tentar uma carreira profissional a nível universitário. Essas aulas são ministradas no auditório da escola. Atualmente a Escola tem 122 (cento e vinte e dois) professores e 99 (noventa e nove) servidores.

Segundo o diretor, a avaliação do Colégio Estadual da Prata é diferente das outras escolas da rede de ensino oficial da Paraíba. Nelas o professor tem que a cada bimestre fazer uma recuperação com os alunos que tiverem notas abaixo de cinco. No Colégio Estadual da Prata, o aluno só pode fazer recuperação quando tira abaixo de sete (a média). Além disso, a recuperação é realizada por semestre. Isso faz com o alunado tenha medo da recuperação, porque caso ele faça, terá que estudar o assunto dado durante o semestre.

De acordo com dados estatísticos, a evasão da escola (no ano de 1993 girava em torno de 25% (vinte e cinco por cento por cento). Nesse ano, até agora, está em torno de 6 (seis) a 10% (dez por cento), mas

esses números são mais freqüentes no turno da noite. Devido também a modificação do sistema de avaliação, o número de aprovados aumentou. Outro ponto positivo é em relação ao índice do número de alunos aprovados nos vestibulares das Universidades Federal e Estadual da Paraíba. Nesse ano 70% (setenta por cento) dos alunos matriculados na escola, entraram no 3º Grau. Isso demonstra a enorme satisfação da escola<sup>5</sup>.

Outra questão que deve ser frisada é sobre a isenção da taxa de inscrição do vestibular para os alunos da rede estadual e municipal a pedido da atual direção do Colégio. O diretor disse que não houve ajuda de políticos, mas, foi um mérito conseguido pela escola no ano passado.

A escola possui uma biblioteca, que segundo o diretor, não é boa, ou seja, não é atualizada, tendo em vista a necessidade dos alunos pesquisarem livros mais atuais (isso é devido a pouca contribuição do Estado). No Estágio Supervisionado, utilizamos o salão da biblioteca para passarmos os slides sobre o Primeiro Reinado no Brasil.

---

<sup>5</sup> Dados Coletados através de uma entrevista com o diretor da escola.

## **2º CAPÍTULO**

# **UMA PRÁTICA DE ENSINO “DIFERENTE” DAS OUTRAS**

**“A educação não cria o gênio,  
mas oferece-lhe por vezes a  
oportunidade para se revelar”.**

**Leoni Kasef**

doze horas/aulas<sup>6</sup> , no que influenciou na pouca qualidade de alguns relatórios.

Um dos aspectos mais importantes foi a questão da integração entre os estagiários, pois o trabalho fica bem mais interessante quando tudo é socializado. E isso, nós sentimos na pele, porque quase tudo que fizemos em prol das nossas aulas, dos recursos didáticos, foi conjuntamente. Isso foi muito positivo para nós, porque o trabalho fluiu de maneira rápida e integrado, nos ajudando a crescer como profissionais .

Outro aspecto interessante foi termos “autonomia” de trabalharmos da maneira que quiséssemos. E isso foi um ponto muito relevante para a Prática de Ensino, e principalmente para nós, porque tivemos a chance de trabalharmos com a realidade da escola e dos alunos, o que não ocorreu no 2º grau, que foi realizado na Escola Estadual da Prata , onde a experiência foi bem diferente porque disporíamos de seis horas/aulas. E para tanto precisamos planejar tudo que iríamos fazer.

---

<sup>6</sup> Vale salientar , segundo a resolução da Prática de Ensino que no 1º grau deve ser ministradas seis horas / aulas, o que vai ocorrer também no 2º grau.

## O PLANEJAMENTO

Sabemos que o planejamento é uma exigência que, dia a dia, se impõe em todas as atividades humanas. Na prática docente é de primordial importância o planejamento porque a partir dele o professor vai direcionar toda a sua metodologia na sala de aula, assim como também no seu trabalho extra-classe. E fizemos esse planejamento através da integração entre os alunos /estagiários para a elaboração das aulas, fazíamos quase tudo em conjunto: planos de aula (ver anexo 2), cartazes, mapas (ver anexo 3), colagens, produção de texto(ver anexo 4), e os exercícios para a avaliação. Além disso, discutíamos os roteiros das aulas, com a finalidade de observar se os conteúdos estavam coerentes com os objetivos propostos nos planos, se por exemplo, faltava determinado aspecto do assunto ou como poderíamos trabalhar os conceitos de forma prática, real. Enfim, quase tudo era elaborado em conjunto.

Essa integração entre os alunos da Prática foi satisfatória porque podemos colocar aos nossos colegas, as nossas dificuldades e contribuições, fazendo com que cada um ajudasse o outro a superar determinado problema, na maneira de incentivar e ajudar.

Para fazermos o planejamento das nossas aulas, tivemos que programar um horário em que os alunos estivessem disponíveis para só se dedicar a Prática. Depois de algumas discussões sobre a disponibilidade de cada um, acertamos um horário que ficaria exclusivo para o planejamento. Quase todas as manhãs e tardes nós nos

encontrávamos. Mesmo quando eram atividades que não era de interesse da Prática, nós nos reuníamos no LABEHG<sup>7</sup>.

Isso foi muito interessante, porque tivemos uma relação de reciprocidade, que foi fundamental no nosso trabalho, porque sabemos que de alguma maneira, nós tentamos contribuir para aulas mais interessantes . Lógico que todos nós temos nossas limitações, (seria estranho dizer que fizemos um excelente trabalho, se a cada dia estamos aprendendo e se de uma hora para outra ou em quatro meses do período, superariamos nossos limites) que ao passar do tempo, ou seja, com as experiências adquiridas no dia-a-dia da sala de aula irão diminuindo. Temos que ter em mente que tudo o que nós conseguimos atingir na Prática, é um processo contínuo que cada vez mais vai se enraizando na nossa vivência, ou seja, na nossa prática cotidiana. E Que quanto mais experiência o professor tiver, o seu desempenho melhorará para um ensino comprometido com a educação e também com a realidade da sala de aula. Discutiremos nessa parte, ou seja, no planejamento, os conteúdos que foram trabalhos, seleção dos livros didáticos; a metodologia utilizada em sala de aula; os textos produzidos; o perfil dos alunos das escolas onde estagiamos; os planos de aula, de ensino(anexo 5) e de unidade(anexo 6) e as avaliações que fizemos com os alunos.

---

<sup>7</sup>LABORATÓRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS GEOGRÁFICOS.

## OS CONTEÚDOS

Tendo como finalidade o planejamento das nossas aulas, selecionamos primeiro os conteúdos que seriam trabalhos nas 5ª séries. Essa seleção foi feita nos livros didáticos que estavam a nossa disposição. No nosso primeiro contato com os conteúdos, percebemos que os mesmos tinham um caráter tradicional, privilegiando assim uma história factual na qual mostra uma história voltada para os vencedores, marginalizando os vencidos. No que se refere a discussão dos conteúdos que está intrinsecamente ligado aos livros didáticos mostraremos no tópico seguinte.

### Os livros didáticos

A partir do momento que estamos selecionando os conteúdos fizemos o mesmo com os livros didáticos. E fomos orientados pela coordenadora, a atentar para alguns passos para a seleção dos livros: com alguns livros em mão (a nível de 1º grau, observamos o de Nelson Piletti, o de Alfredo Boulos o de Ricardo e Ademar, o de Francisco de Assis, entre outros), observamos a corrente historiográfica que os autores seguem, ou seja, percebemos os fatos que para ele são importantes. Na maioria dos livros didáticos percebemos que o marxismo é a corrente que predomina. O passo seguinte para planejarmos as aulas, através do uso do livro didático foi então,

selecionar os conteúdos (vimos que há uma marginalização de alguns temas nos conteúdos trabalhados, pois neles os autores não trabalham por exemplo, com a história das mentalidades, da sexualidade, da mulher, do amor). E o que nós observamos que é trabalhado uma postura historiográfica voltada mais para o econômico, para o político e para o social.

Na primeira aula, o assunto que abordamos foi sobre os índios, abordando a cultura como fio-condutor. Então, tivemos que escolher um livro que trabalhasse com esse aspecto).

No livro de Nelson Piletti, observamos a ênfase no materialismo histórico, pois ele trabalha com conceitos do tipo: evolução, atraso, classe, entre outros. Já o livro de Ricardo e Ademar tem uma visão mais panorâmica, direcionado para a pesquisa. Então, adotamos o de Alfredo Boulos, que trabalha uma perspectiva de provocar o leitor, e isso para nós é interessante porque além do aluno refletir sobre determinado assunto, ele vai tendo uma percepção crítica, que deve ser incentivado pelos professores (pois alguns continuam com aquela visão de que história é uma disciplina que só reproduz conhecimento. Escolhemos o livro de Boulos porque de alguma maneira atendia ao nosso propósito, que era trabalhar com o viés cultural, mas queremos deixar claro que quando íamos preparar nossas aulas, pesquisávamos em vários livros, não só a nível de 1º e 2º graus, como também de 3º grau, a título de informação e um certo aprofundamento. Na Escola Estadual da Prata, os professores nos forneceram a relação dos livros utilizados. E, a maioria deles nós utilizamos para o planejamento das nossas aulas<sup>8</sup>,

---

<sup>8</sup>Os livros que utilizamos para o planejamento Estágio Supervisionado, estão nos Planos de Aula

assim como também fizemos algumas leituras de textos utilizados na Universidade.

Depois de fazermos a seleção dos conteúdos e o levantamento bibliográfico partimos para a metodologia que iríamos utilizar na sala de aula.

## **A metodologia utilizada em sala de aula**

Quando fala-se em metodologia, percebe-se que há vários aspectos embutidos nela: o método, as estratégias, as técnicas, os recursos didáticos e a concepção teórica do professor. É interessante que o professor na elaboração do plano de aula enfoque estes aspectos para que assim direcione seus objetivos, alertou na avaliação a ser feita.

Sobre as aulas que iríamos dar, a professora nos alertou para vários pontos importantes: os recursos didáticos deveriam ser ampliados; deveríamos preparar um esquema, ou seja, um roteiro de aula (sistematizar o assunto para um melhor entendimento e fixação); o quadro deve ser dividido em três partes (destacando a parte do meio) e no final da aula, apagá-lo. Uma aula deve ser bem planejada e organizada, pois dessa forma faz com que se pense a linha de ação da mesma, com o objetivo de sentir se houve aprendizagem ou não através da participação dos alunos em sala de aula como também dos exercícios escritos.

A metodologia realizada nos estágios, nas escolas de 1º e 2º grau foi a seguinte: a técnica utilizada foi a aula expositivo-dialogada<sup>9</sup> trabalhamos com o tema-gerador; nos propomos a incentivar os alunos a descobrir o tema trabalhado em sala de aula com a apresentação de uma dramatização (ver anexo 7) de um possível diálogo (ver anexo 8) entre o rei de Portugal e o seu ministro. Essa técnica é muito interessante porque incentiva os alunos a participarem da aula.

Utilizamos também o método comparativo como meio de comparar situações do passado com o presente, e utilizamos os conceitos, tendo cuidado de como explicá-los. O conceito que utilizamos foi o de monopólio<sup>10</sup>. Além desse método, utilizamos o método retrospectivo, ou seja reportando o conteúdo que estava sendo estudado no momento com os das aulas anteriores, ajudando os alunos a fazer um exercício de fixação. Com relação aos recursos didáticos trabalhados em sala de aula, tentamos de alguma maneira inovar, no sentido de que toda aula fosse pouquinho diferente, mas mesmo assim, utilizamos o quadro-negro e o giz. Tanto na forma de escrever os tópicos dos conteúdos como na fixação de mapas e cartazes.

Trabalhamos também com os textos. Só que, não fizemos estudo dirigido ou estudo do texto. Optamos por entregá-los no final das aulas, sugerindo seu estudo como apoio aos exercícios propostos e para a prova (que iríamos fazer nas 5º séries).

---

<sup>9</sup>Ao mesmo tempo que expomos o conteúdo tentávamos provocar o aluno no sentido que ele participasse das aulas.

<sup>10</sup>Falamos que as cidades italianas Gênova e Veneza tinham o monopólio das expressarias orientais no mar Mediterrâneo.

Os textos foram produzidos conjuntamente ,propocionando uma discussão dos conteúdos que queríamos trabalhar, tendo o cuidado de colocar palavras acessíveis aos alunos.

No final de cada assunto, fizemos alguns e exercícios de fixação com o intuito de avaliarmos o interesse e o desempenho dos alunos. Nas 5º séries trabalhamos com frases (onde eles próprios criavam) e produção de textos. Nosso objetivo foi de fazer com que os alunos produzissem sobre o que eles entenderam das aulas. Vamos citar algumas frases criadas pelos alunos sobre os índios;

“As crianças indígenas brincam totalmente diferente da gente”.

“Eu gostaria muito de ser uma índia, eu admiro bastante uma índia. Eu acho elas muito bonitas, corajosas,...”

“O índio pesca sem anzol. O branco pesca com vara de nalho e agulha . O índio salva as coisas que até Deus duvida. Ele mata para sobreviver”.

“Os índios caçam, pescam, pintam os rostos e se enchem de penas”.

“Nós quando crianças,não podemos caçar, nem pescar porque nossas mães não deixam”.

Por estas frases dá pra imaginar a capacidade que os alunos têm, para desenvolver. Cabe ao professor orientá-los. Pedimos também que os alunos fizessem desenhos, pinturas e colagens. Eles são muito criativos para isso e, além disso, eles adoram este tipo de atividade. O resultado foi ótimo porque percebemos que houve aprendizagem quando eles percebiam certos detalhes do desenho.

Outro tipo de avaliação foi usarmos uma palavra “chave” (anexo 9) para elaborarmos uma cruzadinha de um conteúdo, além de fazermos uma prova escrita (ver anexo 10).

A metodologia e as questões pertinentes a elas serão discutidas na próxima parte, quando discutiremos os planos de aula.

## Os Planos

Sabemos que para uma aula fluir bem tem que haver um planejamento. O plano de aula é a espinha dorsal do conteúdo que se pretende estudar em sala de aula. Sem ele, não tem como seguir a linha de ação da aula, que no caso tem que haver , introdução, desenvolvimento e o fechamento incluindo as estratégias que o professor pretende utilizar.

Discutimos o texto que fala sobre o Plano de Ensino, com objetivo de facilitar a elaboração do mesmo. Nele deve-se trabalhar o conteúdo do ano letivo, ou seja, dos quatro bimestres. Elaboramos um plano para a 5ª série e outros para a 3ª série do 2º grau. Para isso, tivemos que selecionar os conteúdos para depois fazer o levantamento bibliográfico. O segundo passo é encontrar os objetivos que queremos atingir para que os alunos aprendam, pois eles devem ser voltados para o alunado. Depois é a metodologia a ser trabalhada, ou seja, os procedimentos, que incluem recursos didáticos, os métodos (se é comparativo, retrospectivo, por exemplo), as técnicas (aula expositivo dialogada ou só expositiva, trabalho dirigido ou em grupo, tema-gerador) para desenvolver as estratégias que deverão ter a utilidade de manter os alunos atentos. O quarto passo para finalizar o plano de ensino (que é amplo, panorâmico) é a avaliação que tem uma conotação bem variável, ou seja, de diversas formas o professor pode perceber se o processo de aprendizagem foi satisfatório, como atividades orais e escritas, dinâmica em grupo, trabalhos visuais (desenhos, mapas).

Fizemos uma primeira versão dos dois planos de ensino e, nossa coordenadora ressaltou que os conteúdos selecionados devem vir divididos de acordo com a carga horária dos bimestres. E que, no objetivo geral tem que vir embutido também a compreensão de História e de educação que o professor se identifica.

Além dos planos de aula e de ensino, elaboramos também dois planos de unidade (para a 5ª série e o 3º científico) com a finalidade de trabalharmos o bimestre ou unidade do Estágio Supervisionado, mas tendo em vista a carga horária do bimestre e dos conteúdos que foram selecionados no plano de ensino.

Para entendermos como se processa a formação dos conceitos, fizemos algumas leituras para uma melhor compreensão<sup>11</sup>.

Observamos que é importante destacar que para trabalhar com os conceitos e, especialmente os conceitos históricos, temos que levar em conta a aprendizagem através da compreensão dos alunos, eliminando assim, a "tradicional decoreba"; sem reflexões e questionamentos. Quando trabalhamos com a disciplina de História, é de fundamental importância trabalharmos com os conceitos, mas ao utilizá-los tem que se ter o cuidado de como usá-los.

Portanto os professores ao trabalhar os conceitos, têm que usar recursos que levem os alunos a pensar e refletir o conhecimento, como por exemplo, formular questões, pedir exemplos, apresentar problemas de uma maneira nova, evitando assim a rotina para que as aulas não se torna cansativas. Desse modo, falaremos no próximo capítulo sobre as

---

<sup>11</sup>Entre os livros que observamos, vimos o de Lúcia Maysés, "O Desafio de Saber Ensinar"

nossas experiências em sala de aula. Outra preocupação que tivemos foi com o domínio tanto de conteúdo como de sala de aula, para que pudéssemos assim, atingir o nosso objetivo, passando segurança para os alunos.

A experiência no 2º grau foi pouco proveitosa, devido há algumas regras impostas pela escola. Portanto foi preciso aproveitarmos o tempo que nos foi fornecido.

Considero que as aulas realizadas no colégio Estadual de Bodocongó foram mais satisfatórias do que as do colégio Estadual da Prata, porque passamos mais tempo e isso foi muito enriquecedor para o nosso crescimento enquanto alunos/estagiários. Percebendo as nossas limitações, os nossos problemas, foi possível a discussão das aulas que ministramos para analisá-las, visando melhorar a nossa metodologia. Sabemos que nesse período em que estagiamos eles não serão resolvidos. Só o tempo e a experiência vão mostrar isso. Mas, é com a Prática de Ensino que uma série de questões aparecem. E entre elas percebemos durante o curso não há uma relação das disciplinas de conteúdo e a Prática de Ensino. Como nosso trabalho foi em conjunto, todos contribuíram no intuito de solucionar alguns problemas e, isso foi o ponto principal da Prática: a integração.

No próximo capítulo, vamos trabalhar como planejar uma aula através dos livros didáticos. Já que queremos inovar, será que podemos abandoná-los, pois eles são muitas vezes, a nossa "Bíblia". Será que poderíamos mudar o programa oficial, selecionando os conteúdos que são mais interessantes e fazendo o nosso programa ? São essas questões que serão abordadas no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 3**

### **PLANEJAMENTO: USO DO LIVRO DIDÁTICO**

"A leitura torna o homem completo;  
a conversação torna-o ágil;  
e o escrever dá-lhe precisão."

Francis Bacon

## PLANEJAMENTO: USO DO LIVRO DIDÁTICO

Achamos interessante trabalhar com essa temática pois, na realização do Estágio Supervisionado há vários problemas no livro didático. Observamos que ele atua como difusor de preconceitos<sup>12</sup>. Alguns livros que trabalhamos na quinta série vinham com a idéia por exemplo, de que “o índio é selvagem, de que não conhece o progresso”. A partir dessa visão que podemos chamar de preconceituosa, tivemos o interesse em estudar essa questão, porque o livro didático que é adotado pela escolas é o único recurso didático utilizado pelo professor. E, ao fazer a escolha o professor tem que ter o “cuidado” em selecioná-lo, pois mesmo que os livros tragam uma visão tradicional cabe ao professor transformá-la com o objetivo de levar o aluno a refletir, desenvolvendo assim um ensino que se pretende ser crítico.

Na seleção que fizemos tivemos que trabalhar a partir de uma análise historiográfica, observando em que contexto histórico-social eles foram escritos. Vimos que grande parte deles, foram escritos nas décadas de 80 e 90. Observamos também a corrente historiográfica dos autores, através da leitura dos conceitos e categorias utilizadas por eles. A maioria dos livros didáticos trabalham com o materialismo histórico que privilegia as rupturas em detrimento da continuidade. Valoriza o papel das forças produtivas e das relações sociais de produção. Nesses livros percebe-se uma macro-História estrutural porque tenta dar conta de todos os acontecimentos, em particular da “história do trabalho”, a partir do recorte econômico.

---

<sup>12</sup> FARIA, Ana Lúcia G. de . Ideologia no Livro Didático.

Fizemos essa observação não para criticar os livros em questão ou as teorias encontradas nos mesmos, mas para que os professores atentem para essas questões e assumam com coerência a abordagem que lhes é favorável, porque sabemos que nem o professor é neutro e muito menos o livro didático. O professor pode utilizar qualquer livro que não siga a sua ideologia, desde que saiba criticá-lo, fazendo com que os alunos reflitem.

No artigo da professora Maria Carolina Bavério Galzerani<sup>13</sup> traz um estudo que além das tendências epistemológicas já citadas nas produções dos livros, também a padronização formal, a criação, são observadas como se o livro didático fosse uma “mercadoria” que sofre determinações do processo capitalista. E isso não é muito bom porque o autor tem uma certa “dependência” com a editora, que de alguma maneira o impõe aos seus interesses de mercado.

Mas pensemos no livro didático percebido pelo professor como instrumento de trabalho, em escolas pobres, sem condições para acesso a qualquer outro material. O livro didático tem sido um dos canais de transmissão mais utilizados e, sobretudo, de manutenção dos mitos e estereótipos que povoam a História do Brasil. Percebemos dessa forma que alguns livros trazem a História como uma epopéia ou como um suceder de fatos pitorescos, cujos personagens principais são os vultos históricos, os heróis que movem a História.

O livro didático marginaliza a História das mentalidades, da sexualidade, da mulher, do amor, da vivência dos operários, enfim, o que percebemos é uma História voltada para o econômico, o político e o

---

<sup>13</sup> Belas Mentiras? A Ideologia nos estudos sobre o livro didático.

social, reforçando o genérico, abstrato e como já falamos, ele quer dar conta de todos os tipos de vivências e meios de vida de forma simplificada.

Mas, outra função do livro didático é a de informar também o professor. Este, em razão das deficiências de formação e das condições de trabalho que enfrenta, não procura outro tipo de obras para a preparação das aulas, quer expositivas ou de qualquer outra natureza, já que o mesmo quando trabalha com texto, de modo geral, utiliza-se de trechos de livros didáticos. Dessa maneira, o trabalho do professor tem se transformado num reforço das idéias contidas no livro didático adotado. Isto é bem acentuado, pois a maioria dos professores fazem cópia fiel do livro para entregarem aos alunos, principalmente aqueles que são da rede pública, onde não têm condições de possuí-lo

Sugerimos que os professores procure inovar suas aulas através de textos literários, músicas, histórias em quadrinhos, dramatização e jogos. Com o auxílio do livro didático e desses recursos didáticos, o professor teria como estimular os alunos e, assim, ficaria uma aula mais dinâmica.

Nos livros didáticos que podemos observar, muitos não fazem relações com o cotidiano do aluno, ou seja, de conteúdos práticos. Mas, aí cabe ao professor valorizar e incentivar para que ele tenha interesse na pesquisa e nos trabalhos de forma geral. E quando há a ausência de outras fontes de consulta, pelo menos para o professor, reforça a importância do papel que o livro didático exerce para a formação de um conceito de História e para a visão de História que constitui o senso comum, de que os homens são todos importantes, pois as camadas sociais são camufladas. É um discurso burguês que se encontra no

livro didático, embutido numa concepção idealista, na qual só relata o que é do seu interesse.

O livro didático como se destina a um determinado público, a clientela escolar, às vezes, tem a necessidade de simplificação, na ânsia de produzir um livro acessível. A opção nesse sentido, é pela História factual simplificando-se assim o processo histórico mecanicista.

Também o livro didático tem a preocupação de seguir os tópicos sugeridos pelos conteúdos dos programas e guias curriculares, apresentados pela Secretaria de Educação, colocando em segundo plano os objetivos e as propostas de uma História crítica (quando existem). O livro didático, vinculado aos programas oficiais, não questiona os conteúdos trabalhados. Mesmo aqueles que se utilizam de interpretações ligadas a novas correntes historiográficas mantêm a mesma preocupação e a mesma periodização, demonstrando a permanência de alguns aspectos metodológicos, que não se ajustam com as novas interpretações.

A concepção de História e a seleção do que deve ser ensinado foi mantida nos livros didáticos, passando a idéia de que há uma história "correta"<sup>14</sup>. Falta, então, a incorporação das idéias transmitidas pelas novas propostas historiográficas, somadas a uma pedagogia voltada a transformação, ou seja, o professor deve procurar perceber a realidade dos alunos para adequar os novos conhecimentos que serão ensinados, assim como refletir em conjunto com seus alunos, permitindo que eles reelaborem as novas informações em relação aos interesses de sua classe. Não adianta o professor trabalhar com conteúdos que não sejam

---

<sup>14</sup> "Correta" no sentido de "verdadeira".

da realidade do alunado; o importante é ter em mente que os alunos são sujeitos do processo ensino-aprendizagem e de que eles podem contribuir na disciplina, nos conteúdos e na escola.

Como resolver o problema do livro didático principalmente no âmbito da História? Que alternativas seriam discutidas e quem sabe, planejadas?

São muitas as questões que povoam nossa cabeça, porque não queremos que a História “**vista só de cima**” perdure e que continue a ser reproduzida em nossas salas de aulas.

Como temos o compromisso pela melhoria da educação escolar, entendemos que as mudanças (se ocorrerem) na seleção dos conteúdos não serão dadas de forma brusca, ou seja, de uma hora para outra. Mas, que devemos conscientizar sobre isso. E o papel da Universidade está intrinsecamente ligada a essa questão, pois ela poderia contribuir mais ainda na elaboração do livro didático com temas atualizados e incentivando seus professores a reelaborá-los de forma dinâmica, reflexiva e crítica.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente trabalho, fica evidenciado a necessidade de interagir as disciplinas da área de educação com as de história, tanto na elaboração do relatório como no Estágio Supervisionado, porque precisamos e muito, dessa relação para podermos fazer um bom trabalho.

Além disso, queremos acentuar mais ainda a experiência que vivenciamos na Prática de Ensino, entre os estagiários, pois foi de fundamental importância para que o nosso trabalho desse frutos positivos. E na elaboração dos relatórios, houve a participação de todos para colher informações. E sugerimos que com a realização das próximas Práticas de Ensino, isso perdure.

Achamos que toda Prática de Ensino deva ser repensada, pois é nela que se evidencia a necessidade da relação teoria e prática. E, não só com a referida disciplina mas também com as disciplinas do curso de História, pois deveriam apresentar alguns textos teóricos relacionados ao ensino de 1º e 2º graus, além de trabalhar seus conteúdos em relação ao livro didático. Isso seria muito importante porque diminuiria as dificuldades dos estagiários quando fossem planejar a aula através dos mesmos.

A relação campo de estágio e Universidade não é muito boa, porque algumas escolas ainda resistem em receber estagiários, tendo objetivo de realizar o estágio, não havendo uma relação intrínseca, ou seja, a Universidade não dá retorno à escola e a comunidade.

Sugerimos que estas questões sejam refletidas e repensadas para que a cada semestre se realize uma Prática melhor. Mas temos certeza de que aprendemos muito nesta disciplina, e isso foi muito valioso porque sabemos que quanto mais tempo o aluno/estagiário ficar na sala de aula continuamente, vai adquirindo novas experiências.

# BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Nilda (Org.). **Formação de Professores - Pensar e Fazer**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da nossa época;1)
- CABRINI, Conceição, et alli. **O Ensino de História (Revisão Urgente)**. 3ªed., São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no Livro Didático**. 4ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 1986 (Coleção Polêmicas do nosso Tempo).
- LUCRESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério do 2º Grau. Série Formação do Professor).
- NAGLE, Jorge. **A Reforma e o Ensino**. 2ª ed., São Paulo:EDART-SP, Livraria Editora, LTDA., 1976.
- PICONEZ, Stella C. B. (Coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2ª ed., Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994 (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).
- RODRIGUES, Neidson. **Da Mistificação da Escola à Escola Necessária**. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 24)

SILVA, Marcos A. da (Organizador). ***Repensando a História***. ANPUH  
- Núcleo de São Paulo. 2ª ed., São Paulo: Marco Zero.

SOUZA, Valba Luz Freire de. "***Estadual de Bodocongó: Uma Fonte  
do Saber***". Histórico do Colégio Estadual de Bodocongó. 1965-1995.

# ANEXOS

# ANEXO I

## HINO AO COLÉGIO ESTADUAL DE BODOCONGO

LETRA E MÚSICA DE MIRIAM XAVIER - 1972

### ESTRIBILHO:

ESTADUAL DE BODOCONGO  
FONTE INESGOTÁVEL DO SABER  
ENSINA A JUVENTUDE VARONIL  
A AMAR COM FERVOR NOSSO BRASIL

NUM BAIRRO DISTANTE DA CIDADE  
UMA LUZ ESTÁ ACESA ETERNAMENTE  
ÉS TU ILUMINADA MOCHIDADE  
AJUDANDO O BRASIL IR PARA A FRENTE

O ALUNO É POR TI ORIENTADO  
A CUMPRIR OS DEVERES FIELMENTE  
COMO LEMA TERÁ SEMPRE EM SUA MENTE  
ELEVAR BEM ALTO O NOSSO ESTADO

DA CULTURA ÉS TU UM MENSAGEIRO  
SEMEANDO UM GLORIOSO PORVIR  
ÉS AUGUSTO, ÉS GIGANTE GUERREIRO  
PROCURANDO A CAMPINA SERVIR

SENTIMOS EM TI NOSSA VITÓRIA  
AVANTE JUVENTUDE, SEMPRE AVANTE  
TEU NOME HÁ DE FICAR EM NOSSA HISTÓRIA  
HONRANDO NOSA PÁTRIA MAIS GIGANTE

# ANEXO II

Escola Estadual de 1º e 2º graus Adernar Veloso da Silveira -  
(Bodocongó)

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Luciana das Neves Costa-UFPB/Campus II-DHG

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Série Turma: E

Turno: Tarde Carga Horária: 2 Hs/aulas

Tema: Nações indígenas no Brasil - Colônia

Título: A cultura indígena no Início da Colonização

## **Plano de Aula**

- Compreender a cultura dos índios no início da colonização fazendo um parâmetro com os dias de hoje.
- Perceber que cada nação indígena tem sua cultura própria.
- Problematicar sobre a diferença entre a cultura do índio e a do branco.

## **Conteúdos:**

- O que é ser índio?
- O trabalho indígena
- Os vários grupos indígenas

- O extermínio dos Índios

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositiva dialogada, com roteiro de aula, texto, além da utilização de quadro e giz. O método empregado será o retrospectivo.

## **Avaliação:**

Pedir que os alunos escrevam uma ou mais frases estabelecendo semelhanças e diferenças entre a sua infância e a de uma criança indígena.

## **Bibliografia:**

BOULOS, Alfredo. História do Brasil. Colônia. Vol. 1. São Paulo: FTD.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

( Bodocongó )

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB/Campus II -  
DHG

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Série                      Turma: E                      Carga Horária: 3 Hs/aulas

Turno: Tarde

Tema: As Grandes Navegações

Assunto: Em busca de novos caminhos

## **Plano de Aula**

### **Objetivos específicos:**

- Compreender o mundo que os europeus conheciam;
- Entender como se processava o comércio das especiárias;
- Entender que a expansão marítima dos europeus foi aliada as técnicas novas;
- Relacionar os tratados entre Portugal e Espanha;
- Explicar sobre como se processou o descobrimento do Brasil.

## **Conteúdos:**

- O conhecimento geográfico dos europeus;
- O comércio com as Índias;
- As grandes Navegações;
- Os tratados: Bula Inter Coetera  
Tordesilhas
- Portugal e o Brasil.

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositivo dialogada, com roteiro da aula, mapas, texto, além da utilização de quadro e giz.

## **Avaliação:**

Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula, por uma colagem de uma caravela, através da qual os alunos serão avaliados pela criatividade e organização da colagem, além disso, os alunos deverão formar duas ou mais frases sobre as grandes navegações.

## **Bibliografia:**

BOULOS, Alfredo. História do Brasil. Colônia. Vol. 1. São Paulo:

FTD.

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1. São Paulo: Ática.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

( Bodocongó )

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB/Campus II -  
DHG

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Carga Horária: 1 H/aula Data: 17/06/96

Tema: As Grandes Navegações

Assunto: Em busca de novos caminhos

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Perceber o aprendizado do conteúdo referente as grandes navegações.

### **Conteúdos:**

- As Grandes Navegações.

## **Metodologia:**

- Atividade através de pintura de uma caravela e frases sobre o assunto.

## **Avaliação:**

- Pintar uma caravela. Os alunos serão avaliados pela criatividade e organização da colagem e pintura.
- Elaborar duas ou mais frases sobre o assunto.

## **Bibliografia:**

BOULOS, Alfredo. História do Brasil. Colônia. Vol. 1. São Paulo: FTD.

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1. São Paulo: Ática.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira  
( Bodocongó )

Disciplina: História do Brasil

Orientador: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB/Campus II -  
DHG

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Carga horária: 2 Hs/aulas Data: 08/07/96

Tema: O período pré-colonizador

Assunto: O Brasil nos trinta primeiros anos

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Entender os motivos que levaram os portugueses a chegarem no Brasil.
- Perceber os fatores que levaram a exploração do pau-brasil.
- Analisar a vinda das expedições portuguesas para o Brasil.
- Identificar o Brasil dentro do pacto colonial estabelecido pelo governo português.

## **Conteúdos:**

- A chegada dos portugueses no Brasil
- A exploração do pau-brasil.
- As expedições portuguesas.
- O pacto colonial entre Portugal e Brasil.

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositivo dialogada, com roteiro de aula, texto, cartaz, além da utilização de quadro e giz.

## **Avaliação:**

Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula e produção de um pequeno texto (redação).

## **Bibliografia:**

BOULOS, Alfredo. História do Brasil. Colônia. Vol. 1. São Paulo: FTD.

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1. São Paulo: Ática.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil-Colônia. São Paulo: Moderna, 1994.

Escola de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

( Bodocongó )

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Euronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB/Campus II -

DHG

Série: 5ª

Turma: E

Turno: Tarde

Carga Horária: 2 Hs/aula

Data: 15/07/96

Tema: A administração colonial

Assunto: As capitanias hereditárias

## **Plano de Aula**

### **Objetivos específicos:**

- Analisar os pontos que levaram Portugal a realizar a colonização no Brasil.
- Entender o estabelecimento das capitanias hereditárias no Brasil, compreendendo os direitos e deveres dos donativos, assim como os direitos do rei de Portugal.
- Identificar os motivos que levaram ao fracasso das capitanias hereditárias.

## **Conteúdos:**

- Portugal e a colonização
- As capitanias hereditárias
- O fracasso das capitanias hereditárias

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada com tema-gerador, ou seja, será realizado com a participação de dois colegas de trabalho, uma apresentação de um possível diálogo entre o rei de Portugal e um dos seus ministros com roteiro de aula, mapa, texto, além da utilização de quadro e giz.

## **Bibliografia:**

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil-Colônia. SP: Moderna, 1994.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso  
da Silveira (Bodocongó)

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora / Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB

Campus II - DHG

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Carga Horária: 2 hs/aulas Data: 22/07/96

Tema: A Administração Colonial

Assunto: As Capitanias Hereditárias

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Perceber o estabelecimento do governo-geral na colônia;
- Analisar como se processava a escolha dos homens-bons para as Câmaras Municipais;
- Verificar o processo de aprendizagem sobre as Capitanias Hereditárias.

## **Conteúdos:**

- A administração colonial: Governo-Geral e as Câmaras Municipais.

## **Metodologia:**

- Aula expositiva dialogada, com roteiro de aula, texto, quadro e giz slides.

## **Avaliação:**

Os alunos serão avaliados pela participação na elaboração de uma palavra-cruzada.

## **Bibliografia:**

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil-Colônia. São Paulo: Moderna, 1994.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso  
da Silveira (Bodocongó)

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora / Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB

Campus II - DHG

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Carga Horária: 2 hs/aulas Data: 29/07/96

Tema: Brasil Colônia

Assunto: O Brasil nos trinta primeiros anos

A administração colonial

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Responder a uma prova com três questões subjetivas a respeito dos assuntos estudados na sala de aula.

## **Conteúdos:**

- O Brasil nos trinta primeiros anos;
- A administração colonial.

## **Metodologia:**

- Aplicação de uma prova escrita e impressa.

## **Avaliação:**

- Pelo índice de acertos nas questões propostas na prova. Será considerado satisfatório o percentual de 70% dos acertos. Na prova os alunos serão avaliados pela coerência das respostas pelos erros de português.

## **Bibliografia**

BOULOS, Jr.. História do Brasil-Colônia. Vol 1, São Paulo: FTD, 1994.

PILLETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1. São Paulo; Ática.

CEPES ( Estadual da Prata )

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora / Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB

Campus II - DHG

Série: 3º ano 2º Grau Turma: F Turno: Manhã

Carga Horária: 2 hs/aulas Data: 10/07/96

Tema: A Independência e suas limitações

Assunto: O significado do sete de setembro

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Mostrar o significado da Independência, de acordo com o pensamento de alguns grupos sociais;
- Refletir sobre os resultados que desencadearam na Independência;
- Discutir a importância da Independência para alguns grupos Sociais.

## **Conteúdos:**

- O significado da Independência para alguns grupos sociais;
- Os limites da Independência;
- A importância da Independência para alguns grupos sociais.

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositivo dialogada, com roteiro de aula, texto, além da utilização de quadro e giz.

## **Avaliação:**

Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula.

## **Bibliografia**

COTRIM, Gilberto. História do Brasil. 1ª Edição. São Paulo: Saraiva, 1994

HERMIDA, Borges. História do Brasil. Império e República. São Paulo: FTD, 1995

Escola Estadual de 2º Graus - Elpidio de Almeida

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora / Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB

Campus II - DHG

Série: 3º Turma: F Turno: Matutino

Carga Horária: 2 hs/aulas Data: 17/07/96

Tema: Brasil - Império

Assunto: 1º Reinado ( 1822-1831 )

## **Plano de Aula**

### **Objetivos Específicos:**

- Perceber os mecanismos que D. Pedro I criou para consolidar a independência;
- Analisar as divergências entre os chamados partidos brasileiros portugueses;
- Entender os pontos da Constituição da Mandioca em 1823;
- Identificar as características da Constituição de 1824;
- Perceber os movimentos contestadores do 1º Reinado: A Confederação do Equador, a questão Cisplatina;
- Identificar os motivos que levaram ao declínio do 1º Reinado.

## **Conteúdos:**

- As dificuldades para consolidar a independência;
- Partido Brasileiro X Partido Português;
- A Constituição da Mandioca (1823);
- A Constituição de 1824;
- Movimentos de contestação: A Confederação do Equador e a questão Cisplatina;
- O declínio do 1º Reinado.

## **Metodologia:**

A metodologia empregada será de aula expositivo dialogada, com roteiro da aula, texto e a utilização de slides, além do quadro e giz.

## **Avaliação:**

Os alunos serão avaliados pela participação e interesse na sala de aula.

## BIBLIOGRAFIA

COTRIM, Gilberto. História do Brasil. 1ª Edição. São Paulo:  
Saraiva, 1994

HERMIDA, Borges. História do Brasil. Império e República.  
São Paulo: FTD, 1995

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo:  
Moderna, 1992

Escola Estadual de 2º Grau - Elpídeo de Almeida

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Professora / Estagiária: Luciana das Neves Costa - UFPB

Campus II - DHG

Série: 3º ano Turma: F Turno: Matutino

Carga Horária: 2 hs/aulas Data: 24/07/96

Tema: Brasil-Império

Assunto: O Período Regencial (1831-1840)

## **Plano de Aula:**

### **Objetivos Específicos:**

- Estudar os projetos dos grupos políticos no período regência;
- Identificar os movimentos regências tendo em vista a violenta repressão do governo central.

## **Conteúdos:**

- Os projetos dos três grupos que passaram a dominar a cena política no período regêncial;
- Os movimentos regênciais: Balaiada, Sabinada, Cabanagem e Farroupilha.

## **Metodologia:**

A metodologia utilizada será de aula expositivo-dialogada, com roteiro da aula, texto, mapa, quadro e giz.

## **Avaliação:**

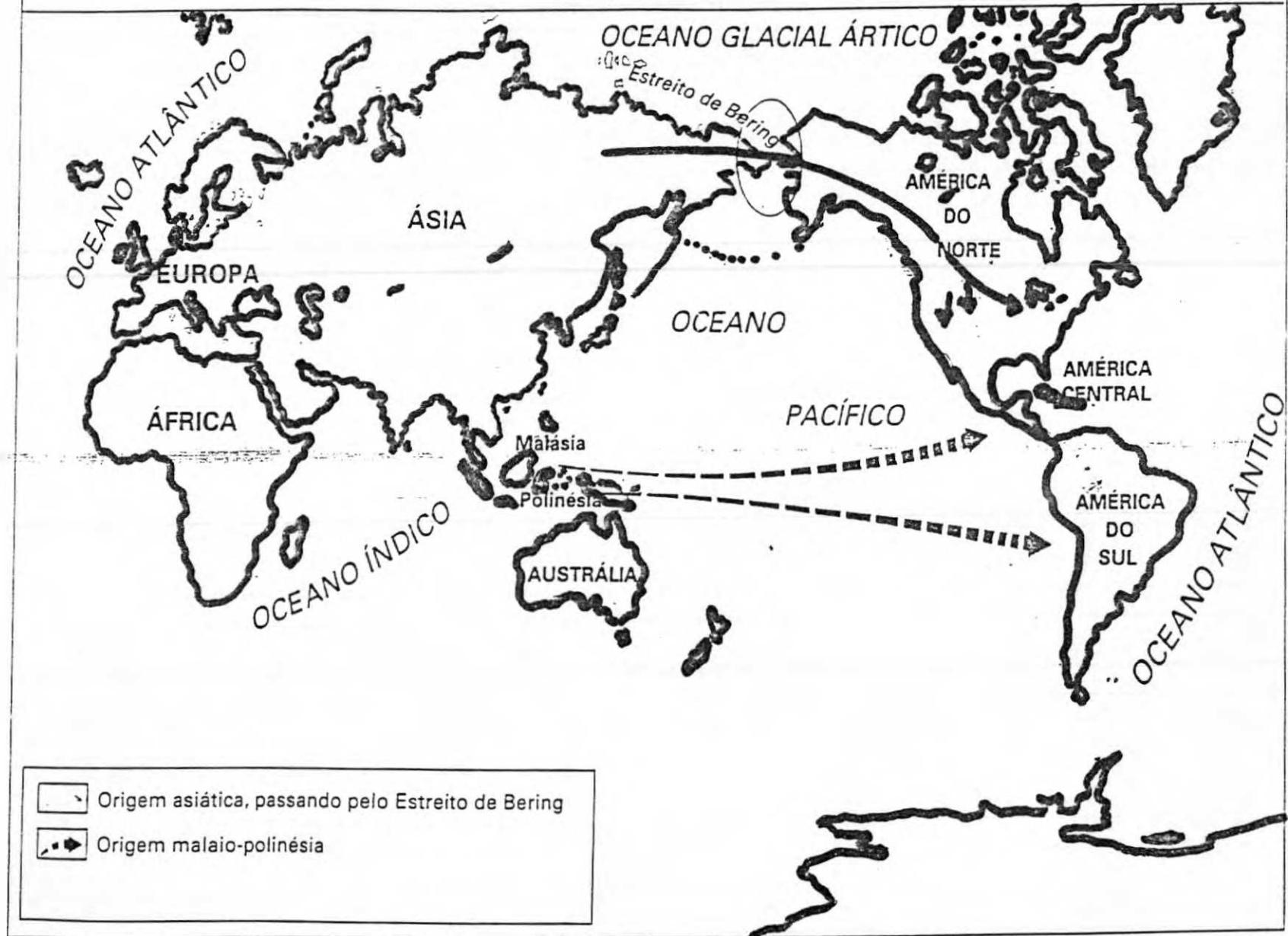
Os alunos serão avaliados pela participação e interesse na sala de aula.

## **BIBLIOGRAFIA**

COTRIM, Gilberto. História e Reflexão. 3ª Ed. São Paulo:  
Saraiva, 1996

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo:  
Moderna , 1992

# ANEXO III



## PRINCIPAIS NAÇÕES INDÍGENAS QUE POVOARAM AS TERRAS BRASILEIRAS



# **ANEXO IV**

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR V. DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR (A) ESTAGIÁRIO (A): Luciana das Neves Costas

SÉRIE: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ TURNO: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

### NAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia milhões de índios espalhados pelas praias, campos e florestas do atual território brasileiros.

Os índios, como os demais povos, passam a infância e adolescência preparando-se para a vida adulta. O nascimento de uma criança indígena é esperado com todo amor e preocupação por todos os seus parentes. Na infância, com sete ou oito anos, os meninos começam a pescar e caçar pequena aves, enquanto as meninas dedicam-se a ajudar a mãe: a cozinhar, tecer e cuidar das crianças menores. Já na adolescência, tanto a menina como o menino iniciam-se numa participação ativa na vida em grupo. No que diz respeito a maturidade, tanto o homem quanto a mulher tem permissão para constituir família, são responsáveis pelo sustento do grupo e tem o direito de conhecer os seus valores e costumes. Ser adulto é também poder ocupar a um cargo na aldeia de chefe político ou religioso.

Os índios não compreendem nem possuem a propriedade particular da terra nem se preocupa em acumular bens através do

trabalho: a terra e tudo que ela produz, pertence a todos e se destina a sustentação das necessidades.

Acredita-se que os índios chegaram ao Brasil há 50 mil anos, vindos da Ásia e da Polinésia, navegando de ilha em ilha até cruzar o Pacífico e chegar à costa ocidental da América.

Há quinhentos anos eram aproximadamente cinco milhões; hoje são cerca de dez milhões e cincocenta mil, dividido em duzentas nações e falando cento e setenta línguas.

O extermínio das nações indígenas é obra do homem branco. Antes, colonizadores em busca de terras; hoje fazendeiros, garimpeiros e madeireiros em busca de terra, madeiras e minérios.

## BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Alfredo Jr., História do Brasil. in: Nações indígenas no Brasil. Vol. I. FTD. SP.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Professor(a)/Estagiario (a) : Luciana das Neves Costa.

Série: 5º Turma : B Turno : Tarde Data: 12.06.96

### Em Busca de Novos Caminhos

Antes das Grande Navegações os europeus conheciam apenas a Europa, norte da África e parte de Ásia, e as terras situadas além desse limites, eles tinham algumas notícias de viajantes.

No começo do século XV os europeus compravam uma grande - quantidade de produto vindos das Índias, só que esse comércio entre o Oriente e a Europa, era monopolizado pelas cidades italianas(Gênova e Veneza). Esse monopólio contrariava os interesses econômicos da burguesia e dos reis de vários países europeus. Portanto só havia uma solução : evitar o mar Mediterrâneo e procurar um outro caminho para as Índias. E isso tornou-se possível com as Grandes Navegações, na qual Portugal foi o primeiro país a conquistar o Atlântico.

Quando Portugal se lançou à conquista do oceano Atlântico, pouca gente sabia que a terra era considerada redonda. E aos poucos , os portugueses foram conquistando o Atlântico com a ajuda do progresso técnico e científico. E como exemplos importantes desse progresso foram a invenção da caravela e o aperfeiçoamento da bússola.

E foram técnicas como estas que facilitou os portugueses a iniciar sua expansão marítima, em 1415, com a conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África, rica em ouro, marfim, tecidos e especiarias,

trazidas pelas caravanas, para serem vendidas aos mercadores italianos, só que depois de conquistada, os caravaneiros passaram a desviar suas rotas para outros centros comerciais, prejudicando os portugueses. Devido a isto, o infante Dom Henrique fundou a escola de Sagres, reunido assim, navegadores, astrônomos, geógrafos, cartograficos, matemáticos e tradutores de várias partes da Europa, que tinham o objetivo de aperfeiçoar os mapas, instrumentos de navegações e roteiros de viagem.

Pouco a pouco, os portugueses foram reconhecendo e explorando o litoral africano, e depois de contornarem o extremo sul da África, que foi batizado de cabo de Boa Esperança, chegou à Calicute nas Índias, realizando assim o sonho português de descobrir um novo caminho para o Oriente.

Em 1492, a Espanha deu início a sua expansão marítima, com um navegante italiano Cristovão Colombo que tinha o objetivo de chegar as Índias, navegando em direção ao Ocidente. Para realizar a viagem, recebeu dos reis espanhóis, dinheiro, suprimentos e três caravelas: Santa Maria, Pinta e Niña. Depois de navegar pelo Atlântico por quase dois meses, ele descobre um "novo" continente: a América. Sabendo da novidade, os reis espanhóis queriam garantir a posse dessas terras, então, resolveram dividi-las entre Portugal e Espanha através de um documento chamado Bula Inter Coetera, que dividia as "novas" terras por um meridiano localizado a 100 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Tudo que ficasse a oeste dessa linha divisória, deveria ser de Portugal. Mas, Portugal não concordou com essa divisão, então exigiu um novo acordo.

Depois de muitas discussões, a Espanha aceitou a exigência feita por Portugal e em 1494, assinaram o Tratado de Tordesilhas, no qual a linha divisória deveria passar a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Tudo o que ficasse a oeste dessa linha seria da Espanha e o que ficasse a leste seria de Portugal.

Como a viagem à Calicute foi um sucesso devido ao lucro fabuloso que dera aos portugueses, o rei de Portugal resolveu enviar ao Oriente uma poderosa esquadra com objetivo de fundar feitorias e, através delas, exercer um controle sobre o comércio das especiarias orientais. Comandada por Pedro Álvares Cabral, a expedição partiu de Lisboa, no dia 9 de março de 1500 e, distanciando-se do litoral Africano, cruzou o oceano Atlântico e no dia 22 de abril, os portugueses avistaram um monte redondo e alto que batizaram de Monte Pascal.

A seguir, desembarcaram em terras habitadas por índios que tomaram posse em nome do rei de Portugal. A primeira missa foi celebrada por frei Henrique Soares Coimbra, no dia 26 de abril, na terra que acabou por se chamar Brasil, devido a enorme quantidade de árvores chamadas de pau-brasil. Cabral depois de ter tomado posse dessas terras, continuou sua viagem para as Índias, mas mandou mensageiros a Portugal para contar ao rei notícias do Brasil.

## GLOSSÁRIO

Burguesia - formada pelos comerciantes ricos europeus.

Bússola - instrumento que auxiliava os navegantes na indicação do rumo a seguir.

Caravela - embarcação leve e veloz.

Especiarias - produtos que vinham das Índias.

Feitorias - grandes fortalezas com vários armazéns, onde se fazia o comércio.

Léguas marítimas - medida utilizada na navegação marítima, equivalente

a 5.557 m.

Monópolio - direitos exclusivos de dominação.

**BIBLIOGRAFIA:**

BOULOS Jr., Alfredo. História do Brasil. vol .I, SP: FTD, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor(a)/Estagiária(a): Luciana das Neves Costas

Aluno

(A):

---

Série: 5

Turma: 3

Turno: Tarde

10.07.96

### O BRASIL NOS TRINTA PRIMEIROS ANOS

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, verificaram que a terra habitada pelos índios era muito grande, havia muita água e muitas árvores, entretanto, não encontraram nenhum indício da existência de ouro ou prata, o que causou pouco interesse de Portugal em colonizar a terra. Não viram também nada que pudesse ser vendido na Europa por um preço tão alto quanto o das especiarias africanas e orientais que traziam lucros imediatos para Portugal.

Mesmo com seu lucrativo comércio com o Oriente, os portugueses fizeram algumas viagens ao Brasil para explorar o litoral e defender a posse da terra, no qual o pau-brasil foi o primeiro produto de valor comercial que os portugueses aqui encontraram. Essa madeira tinha uma cor avermelhada que servia para tingir tecidos e também era utilizada na fabricação de móveis e navios. O corte dessas árvores e o seu transporte para os navios eram feitos pelos índios que em troca disso, recebiam dos portugueses roupas coloridas, contas, espelhos, canivetes, facas, etc. Essa troca direta de produto por produto chama-se escambo. Dessa forma, o pau-brasil só podia ser explorado com a

autorização do rei de Portugal sendo assim era monopólio do rei. Portanto, os comerciantes que queriam explorar o pau-brasil, erguiam feitorias onde guardavam a madeira até que os navios chegassem para buscá-la. Diante dessa situação, haviam povos que não estavam satisfeitos com esse monopólio, como é o caso dos franceses que se achavam também no direito de explorar o pau-brasil, contando com a ajuda de alguns grupos indígenas.

Portanto, durante esses primeiros trinta anos, os portugueses não se interessaram muito pelo Brasil. Mandaram algumas expedições para conhecer a terra, explorar o pau-brasil e combater os estrangeiros. Essas expedições que eram chamadas de guarda-costas, não conseguiram livrar o Brasil da presença francesa e dos demais contrabandistas por duas razões principais: a grande extensão do litoral brasileiro e a ajuda financeira que o rei da França dava aos invasores franceses.

Diante desses problemas e com a esperança de encontrar ouro em terras brasileiras, o rei de Portugal decidiu colonizar o Brasil, isto é, povoar o território brasileiro a fim de melhor explorar suas riquezas, através da expedição colonizadora comandada por Martim Afonso de Sousa em 1530. Aqui chegando, explorou o litoral brasileiro e em 1532 fundou a vila de São Vicente iniciando a colonização que só teria sentido se a colônia oferecesse lucros para Portugal. Portanto, o papel do Brasil seria o de enriquecer a metrópole que passava por uma crise econômica. Com essa intenção, o governo português impôs ao Brasil um sistema de dominação política e econômica, no qual se estabelece o pacto colonial, que significa um compromisso entre a colônia (Brasil) e a sua metrópole (Portugal).

## BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. Colônia, São Paulo

FTD, 1994

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia, São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor(a)/Estagiário(a): Luciana das Neves Costa

Aluno (A): \_\_\_\_\_

Série: 5ª

Turma: B

Turno: Tarde

### A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Até 1534 não havia nenhum governo fixo no Brasil, então o rei de Portugal D. João III percebeu que assim não podia manter o controle sobre sua colônia pois para isso era preciso muito dinheiro, mas Portugal nessa época enfrentava uma crise econômica devido ao declínio do comércio português com o Oriente. Por isso, o rei resolveu dividir o Brasil em 15 grandes faixas de terra denominadas de Capitâneas Hereditárias que foram entregues a doze donatários. Com essa divisão, o governo português criava em 1534 o primeiro sistema político para o Brasil.

O sistema de Capitâneas Hereditárias era regulamentado por dois documentos: a carta de doação e o foral. A carta de doação era o documento na qual o rei concedia uma capitania a um donatário e o foral no qual determinava os direitos e deveres dos donatários e os direitos do rei. E entre os direitos incluía-se o doação de sesmarias.

A maior parte das Capitâneas Hereditárias fracassaram, apenas duas prosperaram, a de Pernambuco e a de São Vicente: porque seus donatários, com recursos próprios ou com ajuda do rei de Portugal, conseguiram capital suficiente para desenvolver a produção açucareira.

Mas mesmo assim o sistema de Capitânicas não deu certo pois o Rei de Portugal não estava conseguindo controlar e explorar o Brasil de maneira satisfatória e exigiu de volta as capitânicas, mas só. em 1759 o sistema foi completamente extinto.

Então, seria preciso pensar em outro tipo de governo que centralizasse a administração, ou seja, era necessário que se criasse um Governo Geral para o Brasil, e isto foi realizado em 1548 e dura até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

O primeiro Governador-Geral foi Tomé de Sousa (1549-1553) que fundou a 1ª cidade brasileira, Salvador, na qual instalou seu governo. Trouxe também as primeiras cabeças de gado, incentivando assim a pecuária. O 2º Governador-Geral foi Duarte da Costa (1553-1558) em cuja administração fundou o Colégio de São Paulo em Piratininga, originando, depois, a cidade de São Paulo. Além disso, o seu governo foi abalado pela guerra contra os índios que se aliaram aos franceses que invadiram o Rio de Janeiro, onde fundaram uma colônia chamada França Antártica. O terceiro governador-geral foi Mem de Sá (1558-1572) que em seu governo expulsou os franceses do Rio de Janeiro, e com a ajuda de seu sobrinho Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Após a morte de Mem de Sá em 1572, Portugal dividiu o Brasil em dois govornos: O governo do norte e o governo do Sul, pois na sua opinião, isso facilitava a ocupação, a administração e a defesa do território brasileiro. Só que com a morte do rei de Portugal em 1580, o rei da Espanha que era seu parente ficou sendo também rei de Portugal, podendo também mandar no Brasil, e por isso dividiu o Brasil em dois Estados: O Estado do Maranhão e o Estado do Brasil.

Mas como estava surgindo vilas e cidades, ficava difícil de controlar a colônia, e seria preciso então pensar em uma forma de controlar e governar essas cidades e vilas. A solução encontrada foram as CÂMARAS MUNICIPAIS que eram instaladas nos municípios mais importantes e defendiam os interesses políticos e econômicos dos grandes senhores de terra.

## BIBLIOGRAFIA

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. Colônia  
São Paulo: FTD, 1994

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Brasil.  
Da Pré-História à Independência. Vol. 1. 4ª Edição  
São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia,  
3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

CEPES

Centro Educacional Paraibano de Educação Solidária

Escola Estadual de 2º Grau Elpidio de Almeida

Disciplina: História do Brasil

Professor/Estagiário: Luciana das Neves Costa

Aluno: \_\_\_\_\_

Série: 3º

Turma: F

Turno: Tarde

Data: 10/07/96

## **O SIGNIFICADO DO SETE DE SETEMBRO**

A independência brasileira foi um processo inteiramente comandado por nossos grupos dominantes. por isso, não modificou em nada as duras condições de vida da maioria dos brasileiros.

A independência proclamada no dia 7 de setembro de 1822 tinha como finalidade preservar a liberdade de comércio e a autonomia administrativa do país.

O povo estava condenado a permanecer na situação de antes. As injustiças sócio-econômicas continuaram. A escravidão do negro foi totalmente mantida. No dia 8 de setembro, a maioria do povo não tinha grandes razões para as festas e comemorações.

O Brasil "independente" também não conquistou uma verdadeira libertação nacional. Saiu dos laços coloniais portugueses para cair na dominação capitalista da Inglaterra. Assim, o rompimento político com Portugal foi a única mudança que a independência trouxe para o Brasil. No mais, as coisas ficavam como antes: os ricos proprietários das terras

e dos escravos continuavam mandando no governo. Dessa forma a organização política do país refletiria os aceitos dos grupos sociais que empresaram o movimento - interessados em manter a estrutura de produção baseada no trabalho escravo, destinada a exportação de produtos tropicais para o mercado europeu. organizaram o Estado sem colocar em risco o domínio econômico e social e garantiam que as eleições externas de produção seriam seus principais objetivos.

A monarquia constitucional foi a fórmula adotada. A Constituição de 1824 procurou assegurar ampla liberdade individual ( artigo 179) e garantir liberdade econômica e de iniciativa. Resguarda o direito de propriedade em sua plenitude. Para os homens que dirigiam o movimento pela independência do Brasil, representantes das categorias dominantes, a propriedade, a liberdade, a segurança garantidas pela Constituição eram reais. não lhes importava se a maioria da nação se constituía de uma massa humana para a qual os preceitos constitucionais não tinham a menor eficácia. Afirmava-se a liberdade e igualdade de todos perante a lei, mas a maioria da população permanecia escrava. Garantia-se o direito de propriedade, mas grande parte da população, quando não era escrava, compunha-se de "moradores" vivendo nas fazendas em terras alheias, podendo ser mandados embora a qualquer hora. Garantia-se a segurança individual, mas podia-se matar impunemente um homem. Afirmava-se a liberdade de pensamento e expressão, mas não fora raros os pagaram por ela. Enquanto que o texto da lei garantia a independência da Justiça, e a se transformava em instrumento dos grandes proprietários. Aboliam-se as torturas, mas, nas senzalas, os troncos, os anjinhos, os açoites, as

gargalheiras, continuavam a ser usadas, e o senhor ter ao supremo juiz decidindo da ida a da morte de seus homens.

## **BIBLIOGRAFIA**

CONTRIM, Gilberto. História e Consciência do Brasil. 1ª Ed.

São Paulo: Saraiva, 1994

HERMIDA, Borges. História do Brasil. Império e República.

São Paulo: FTD, 1995

CEPES

Centro Educacional Paraibano de Educação Solidária

Escola Estadual de 2º Grau Elpídio de Almeida

Disciplina: História do Brasil

Professor/Estagiário: Luciana das Neves Costa

Aluno: \_\_\_\_\_

Série: 3º

Turma: F

Turno: Tarde

Data: 17/07/96

## **O BRASIL MONÁRQUICO: O PRIMEIRO REINADO (1822-1831)**

No início do Primeiro Reinado, a grande tarefa de D. Pedro foi criar mecanismos para consolidar a independência no país, pois a nova ordem política (separação de Portugal) não fora prontamente acatada em todo território, isto é, houve alguns movimentos liberais de contestação. Não foi fácil vencer a distância entre a independência e a consolidação do Império. D. Pedro I enfrentou sérias dificuldades para consolidar sua autoridade, diante da contestação de muitas províncias obter o reconhecimento internacional e superar as divergências para a elaboração da primeira Constituição. Consolidação mesmo só viria no Segundo Reinado.

Ao mesmo tempo que lutava para se impor internamente D. Pedro I preocupava-se em conseguir apoio externo para a separação de Portugal. A Inglaterra era a principal intermediária entre Brasil e países europeus e via neste fato a grande oportunidade para continuar extraíndo

grandes lucros de seus privilégios comerciais com o Brasil, não lhe interessando portanto, romper com o velho aliado Portugal.

Meses antes da independência do Brasil foi convocada uma Assembléia cujo objetivo era elaborar a primeira Constituição do país, mas devido a algumas razões entre as quais: a dificuldade de comunicação é que essa Assembléia só se instalou em 1823 para elaborar o projeto constitucional, que tinha como representantes a elite, que participou da luta pela independência e pela defesa dos ideais liberais.

Embora não possuísse uma organização formal, plataforma política ou regime interno, dois grupos considerados na época como partidos políticos se destacaram: o Partido Brasileiro e o Partido Português. D. Pedro insatisfeito com a Assembléia demonstrou seu autoritarismo dissolvendo a Constituição, porque esta diminuiria seus poderes absolutistas. Então, o imperador nomeou uma comissão com a intenção de elaborar um novo projeto de Constituição para o país.

A Constituição de 1824 que foi outorgada, ou seja, imposta pelo imperador tinha como principais pontos: a organização dos poderes de Estado; um sistema eleitoral elitista e fechado.

Mesmo com a Independência, os problemas econômicos e sociais no Nordeste continuavam, apesar da luta dos revolucionários de 1817. Como a concentração do poder estava nas mãos do imperador, ou seja, ele era quem nomeava os presidentes das províncias, houve enormes descontentamentos no país, principalmente nas províncias do Norte e Nordeste, particularmente em Pernambuco, onde havia grande traição de defesa dos ideais liberais e republicanos.

Algumas questões dividiam os revolucionários de 1817, embora todos estivessem unidos contra o imperador. Ao fim do tráfico de escravos opunham-se os proprietários rurais, como também a um série de posições radicais defendidas pelos setores médios das cidades e pelos grupos populares que formavam as "brigadas populares". Foram várias as revoltas. Numa delas, ocorridas em 1823 sob a chefia do mestiço Pedro Pedroso, que participara do movimento de 1817, as brigadas conseguiram derrubar o governo de Pernambuco e assumir o poder.

O governo de Pedro Pedroso sofreu forte reação. Sendo que o governo que fora deposto voltou, então, ao poder. Mas, devido aos vários tumultos e revoltas, a população elegeu um novo governo chefiado por um revolucionário de 1817 chamado Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que era intendente da Marinha.

Em Fevereiro de 1824 D. Pedro I nomeou um presidente da província, só que Paes de Andrade negou-se a entregar o governo. Foi o início do movimento que ficou conhecido como Confederação do Equador.

Paes de Andrade como havia fugido para os Estados Unidos na época do movimento revolucionário de 1817, proclamava em lugar da monarquia a instalação de um regime republicano nos moldes norte-americano.

A reação do governo imperial a Confederação do Equador foi rápida e violenta. D. Pedro contratou esquadra de mercenários rurais opositores do movimento. A estratégia usada pelas forças imperiais foi combater as províncias separadamente, evitando que se unissem. Isto acelerou a derrota da Confederação.

Numerosos revolucionários foram presos e mais de uma dezena deles foram condenados à morte. Entre eles estava Frei Caneca, republicano devotado de grande prestígio junto ao povo.

Mais uma vez a força e o poder das lutas impuseram-se sobre os ideais de liberdade e participação, levando a morte muitos dos defensores desses ideais.

## **FIM DO PRIMEIRO REINADO**

Com a morte de João VI, rei de Portugal em 1826, D. Pedro I foi proclamado seu sucessor. Para manter o poder tanto no Brasil quanto em Portugal, D. Pedro I renunciou em favor de seu filho menor, devendo este ficar com seu tio D. Miguel, que passaria a exercer o poder como regente enquanto o menino fosse de menor.

A insatisfação com o imperador crescia e durante várias noites de Março de 1831, conhecidas como Noite das Garrafadas, houve distúrbios e conflitos de rua no Rio de Janeiro.

Numa última e infrutífera tentativa de conciliação D. Pedro nomeou constituído por brasileiros natos só que alguns dias depois, o imperador substituiu este ministério por outro composto de nobres estritamente ligados a sua pessoa, o que ficou conhecido como Ministério dos Marquêses.

Esse fato levou mais de 2000 pessoas a fazerem uma passeata exigindo a volta do primeiro ministério. O imperador preferiu renunciar em favor do seu filho D. Pedro de Alcântara com cinco anos de idade, e

viajar para a Europa. Era uma madrugada do dia 7 de abril de 1831 e estava encerrada a primeira e tumultuada etapa da monarquia brasileira.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALENCAR, Francisco. et. alli. História da Sociedade Brasileira.  
2º Grau, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

CEPES

Centro Educacional Paraibano de Educação Solidária

Escola Estadual de 2º Grau Elpidio de Almeida

Disciplina: História do Brasil

Professor/Estagiário: Luciana das Neves Costa

Aluno: \_\_\_\_\_

Série: 3º

Turma: F

Turno: Tarde

Data: 24/07/96

## **PERÍODO REGENCIAL (1831 - 1840)**

A violência social marcou profundamente o Período Regência. De fato, o período de nove anos de duração do governo regência foi de lutas reivindicatórias das populações pobres do campo e da cidade e de conflitos políticos entre as diferentes facções da elite em disputa pelo poder.

A grave crise econômica-financeira estimulou as lutas políticas. Além de disputar de forma violenta o domínio do poder em suas províncias, a elite latifundiária e exportadora exigia do governo central maior autonomia política e econômica, acreditando que assim solucionaria os problemas regionais. Nas disputas políticas, as idéias que acabaram prevalecendo foram as idéias conservadoras, elitistas, pois um contexto de lutas em um país exortar, a vitória coube aqueles que representavam o setor agrário de maior expressão no momento. no caso, o setor cafeeiro, já que temporariamente, o café superou o açúcar e o algodão como produto de exportação.

Os movimentos revolucionários da Regência se iniciaram sob a liderança da elite local que tinham o apoio das camadas populares, que desvincularam-se do apoio da aristocracia, explode então, revoltas sociais contra a escravidão e o latifúndio. Dentre, elas destacam-se: Cabanagem (1835-1840), Sabinada (1834-1837), Balaiada (1838-1841) e Guerra dos Farrapos (1835-1845).

Em 1831, D. Pedro I abdicou do trono em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, que tinha apenas 5 anos de idade. Sendo menor de idade, caberia à Assembléia Geral, de acordo com a constituição de 1824, eleger uma Regência Trina, que de início foi Provisória, porque o Parlamento estava em férias, então os poucos políticos que se encontravam no Rio de Janeiro, governaram a nação até que se elegesse a regência permanente. A Regência provisória tinha um caráter liberal e antiabsolutista.

A 17 de junho de 1831 a Assembléia elegeu a Regência Trina Permanente, que era composta pelos moderados, tendo como destaque o padre Digo Antônio Feijó, nomeado para o cargo de ministro da justiça.

Sua principal preocupação era garantir a ordem pública, que interessava aos moderados. Para impor a ordem, o governo precisava de uma força militar que lhe fosse fiel. O Exército não era confiável, pois parte da tropa, composta de pessoas pobres, sempre se colocava a favor dos que protestavam contra o governo. A solução proposta pelos políticos moderados foi a criação da Guarda Nacional: Uma polícia de confiança do governo e da aristocracia agrária.

Em 1834, os liberais moderados fizeram uma reforma na constituição de 1824 através de uma emenda constitucional que ficou conhecida como Ato Adicional de 1834, que foi uma tentativa de

harmonizar os grupos políticos que brigavam no país: Restaurador, Moderado e Exaltado. um dos aspectos que simbolizavam o Ato Adicional foi substituir a Regência Trina pela Regência Una. O regente uno seria escolhido em eleições gerais em todo o país pelo voto censitário de votantes privilegiados para um mandato de quatro anos.

O vencedor dessas eleições foi o padre Feijó, que era ligado à ala progressista dos moderados. Feijó sofreu grande oposição dos regressistas, que o acusavam de não conseguir impor ordem no país. Explodiram, durante seu governo, importantes rebeliões como a Cabanagem no Pará e a Farroupilha no Rio Grande do Sul.

Quando ainda faltavam dois anos para terminar seu mandato, Feijó renunciou ao cargo de regente. Provisoriamente, a regência foi entregue aos progressistas representado pelo senador pernambucano, Pedro de Araújo Lima, significando o triunfo dos conservadores regressistas e também um tratamento mais duro contra os movimentos populares, ou seja, mais autoridade ao governo central e menos liberdade aos governos das províncias.

Em 1838, com novas eleições, Araújo Lima assume a Regência Una, tendo um ministério composto por políticos conservadores. Os políticos que representavam os grandes fazendeiros estavam preocupados com as rebeliões, pois tinham o medo de perder o poder político e econômico do país, pois suas riquezas estavam baseadas na grande propriedade e na exploração dos escravos.

Os regressistas criaram novas leis visando à centralização do poder, pois diziam que a descentralização era responsável pela baderna e desordem nas províncias. Uma dessas leis foi a lei Interpretativa do Ato Adicional ( 12 de maio de 1840), que reduziu o poder das províncias e

colocava os órgãos da polícia e da justiça sob o comando do poder central.

## **Bibliografia**

ALENCAR, Francisco, et. alli, História da Sociedade Brasileira,  
2º Grau. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

# ANEXO V

# PLANO DE ENSINO

## PLANO DE ENSINO

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso  
da Silveira ( Bodocongó )

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Luciana das Neves Costa

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª série                      Turma: E

Unidades: 4                              Número de alunos: 41

### Objetivo Geral:

Compreender os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do Brasil - Colônia até a Independência, identificando-as como um processo histórico.

Unidade I ( 38 dias ) = 16 hs/aulas

4 h/aulas --> prova

12 h/aulas --> conteúdos

### Objetivos específicos:

- Entender o estudo de História;
- Compreender as características da vida humana durante a Pré-História brasileira;
- Perceber a cultura dos índios no início da colonização, identificando que cada nação indígena tem sua cultura própria.

### Conteúdo Programático:

- Por que estudar História?
- A Pré-História do Brasil;
- A cultura indígena do início da colonização

Unidade II ( 39 dias ) = 16 h/aulas

4 h/aulas = provas

12 h/aulas = conteúdos

### Objetivos específicos:

- Entender como se processou o descobrimento do Brasil;
- Identificar os fatores que levaram os portugueses a colonizarem o Brasil;
- Percebe a organização e funcionamento dos governos locais e os efeitos sobre a vida da população.

### Conteúdo Programático:

- As Grandes Navegações;
- O período colonizador;
- A organização política no Brasil-Colônia.

### UNIDADE III (52 dias) - 22 h/aulas

4 h/aulas = provas

16 h/aulas = conteúdos

### Objetivos específicos:

- Entender como se organizou a sociedade colonial, levando em conta os vários grupos sociais da época e a relação entre eles;
- Compreender as lutas pela domínio sobre o litoral;
- Compreender os fatores da luta pela conquista do interior, e o seu povoamento;
- Entender a atuação da religião católica no Brasil.

### Conteúdo programático:

- Os vários grupos que compõe a sociedade colonial;
- A conquista e o domínio do litoral pelos europeus;
- A expansão territorial e o papel das bandeiras;
- A religião católica no Brasil colonial.

### Metodologia:

- Aula expositivo dialogada; quadro e giz; textos; mapas, cartazes, roteiro da aula, trabalho dirigido, uso do tema-gerador.

### Avaliação:

- Atividades com questões, artes; trabalhos em grupo; atividades visuais e orais; provas escritas.

### Cronologia da disciplina:

- Dias de aula - Segunda-feira (13:00 h - 14:40 min)
- Março - 4,11,18,25 = 8 aulas
- Abril = 1,8,15,22,29 = 10 aulas
- Maio = 6,13,20,27 = 8 aulas
- Junho = 3,10,17 = 6 aulas
- Julho = 8,15,22,29 = 8 aulas
- Agosto = 5,12,19,26 = 8 aulas
- Setembro = 2,9,16,23,30 = 10 aulas
- Outubro = 7,14,21,28 = 8 aulas
- Novembro = 4,11,18,25 = 8 aulas
- Dezembro = 2,9 = 4 aulas

TOTAL = 78 aulas

## BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Jr. História do Brasil. Colônia. Vol. 1  
São Paulo: FTD, 1994

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1  
São Paulo: Ática.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Colônia.  
São Paulo: Moderna, 1994

## PLANO DE ENSINO - 2º Grau

CEPES (Estadual da Prata)

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Luciana das Neves Costa

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 3º científico-2º Grau Turma: F

Unidades: 4 Número de alunos: 48

### Objetivos Gerais:

Conhecer como se processou a História do Brasil, tendo em vista os aspectos culturais, a partir do século XV, com a chegada dos portugueses até a atualidade.

UNIDADE I (38 dias) = 16 h/aulas

### Objetivos específicos:

- Perceber as práticas culturais dos vários grupos indígenas que vieram para a América e, os que habitaram o Brasil;
- Entender a chegada dos portugueses, tendo em vista o contato entre eles e os índios;
- Identificar as características que levaram os portugueses a iniciar a colonização.

Conteúdo programático:

1. As práticas culturais dos povos pré-históricos: os índios brasileiros;
2. O contato ente portugueses e índios;
3. Os mecanismos que levaram Portugal a colonizar o Brasil.

UNIDADE II (39 dias) = 14 h/aulas

Objetivos específicos:

- Refletir os vários caminhos que levaram ao processo emancipacionista brasileiro;
- Entender os projetos políticos, econômicos, sociais e culturais no que insere a Monarquia brasileira.

Conteúdo programático:

1. O processo de Independência do Brasil;
2. O Brasil monárquico.

UNIDADE III (52 dias) = 22 h/aulas

Objetivos específicos:

- Entender as várias formas de organização para o advento da República;

- Identificar os projetos relativos a República brasileira;
- Entender o movimento de 1930 e o populismo e Getúlio Vargas.

Conteúdo programático:

1. As várias faces do movimento republicano;
2. Os projetos republicanos;
3. A Era Vargas.

UNIDADE IV (57 dias) = 24 h/aulas

Objetivos específicos:

- Identificar os motivos que levaram o Brasil ao movimento de 1964;
- Entender os avanços e recuos do processo de abertura do regime militar;
- Analisar os aspectos sócio-culturais que abrange a chamada Nova República até a atualidade.

Conteúdo programático:

1. A Era Vargas (1930 - 1945);
2. As idas e vindas da abertura política;
3. Os aspectos sócio-culturais da Nova República até a atualidade.

## Metodologia

Aula expositivo dialogada, debates, apresentação de textos pelos alunos, quadro e giz, mapas, cartazes, roteiro da aula, trabalho dirigido e filmes.

## Avaliação

Atividades com questões, apresentação de textos pelos alunos, trabalhos em grupo, resumos, provas escritas.

## Cronologia da disciplina

Dias de aula: Quarta-feira (7:00 - 8:30 min.)

Março = 6,13,20,27 = 8 aulas

Abril = 3,10,17,24 = 8 aulas

Maio = 8,15,22,29 = 8 aulas

Junho = 5,12,19 = 6 aulas

Julho = 10,17,24,31 = 8 aulas

Agosto = 7,14,21,28 = 8 aulas

Setembro = 4,11,18,25 = 8 aulas

Outubro = 9,16,23,30 = 8 aulas

Novembro = 6,13,20,27 = 8 aulas

## BIBLIOGRAFIA

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Brasil. 1ª Ed.  
São Paulo: Saraiva, 1994

HERMIDA, Borges. História do Brasil. Império e República.  
São Paulo: FTD, 1995

JOBSON, Jose. PILETTI, Nelson. Toda História. São Paulo:  
Ática, 1995

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo.  
São Paulo: Moderna, 1992

# ANEXO VI

# Plano de Unidade - 5ª Série

Escola Estadual de 1º e 2º Graus - Ademar Veloso da Silveira

(Bodocongó)

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Luciana das Neves Costa

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Unidade: 2ª Número de alunos: 41

Objetivos Específicos:

- Entender como se processou o descobrimento do Brasil;
- Identificar os fatores que levaram os portugueses a colonizarem o Brasil;
- Perceber a organização e o funcionamento dos governos locais e os efeitos sobre a vida da população.

Conteúdo Programático:

1. As Grandes Navegações
  - 1.1. O Conhecimento Geográfico dos europeus;

- 1.2. O comércio com as Índias;
  - 1.3. As Grandes Navegações;
  - 1.4. Os tratados: Bula Inter Caetera e Tordesilhas;
  - 1.5. Portugal e o Brasil.
- 
2. O período colonizador
    - 2.1. As expedições portuguesas;
    - 2.2. O pacto colonial entre Portugal e Brasil;
- 
3. A organização política no Brasil-Colônia
    - 3.1. As capitanias hereditárias;
    - 3.2. O governo geral;

#### Metodologia:

A metodologia será de aula expositiva dialogada, um roteiro das aulas, mapas, cartazes, além da utilização de quadro e giz.

#### Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela construção de frases, produção de textos, pintura, colagem e a participação em sala de aula.

## BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Jr. História do Brasil. Colônia. Vol. 1. São Paulo:  
FTD, 1994

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. 1. São Paulo  
ÁTICA

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Colônia. São  
Paulo, Moderna, 1994

# Plano de Unidade - 3º ano - 2º Grau

CEPES ( Estadual da Prata )

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Luciana das Neves Costa

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides Câmara Donato

Série: 3º ano Científico Turma: F

Unidade: 3ª Número de alunos: 48

## Objetivos Específicos:

- Refletir os vários caminhos que levaram ao processo emancipacionista brasileiro;
- Entender os projetos políticos, econômicos, sociais e culturais no que insere a Monarquia brasileira.

## Conteúdo Programático:

1. O processo de Independência do Brasil
  - 1.1. Brasil, sede do Império;
  - 1.2. O papel da maçonaria;
  
2. O Brasil monárquico

- 2.1. O Primeiro Reinado (1822-1831);
- 2.2. O Período Regência (1831-1840);
- 2.3. O Segundo Reinado (1840-1889);

#### Metodologia:

A metodologia será de aula expositiva dialogada, com roteiros das aulas, quadro e giz e slides.

#### Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela produção de textos e a participação em sala de aula.

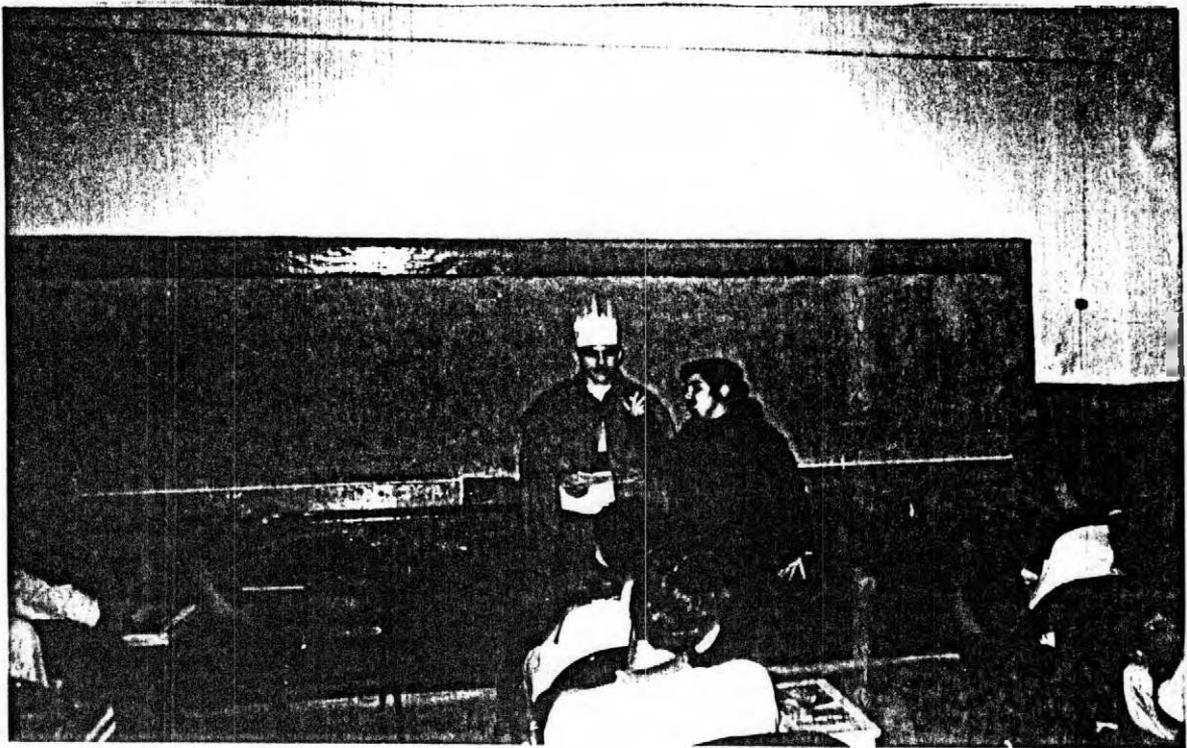
#### BIBLIOGRAFIA

COTRIM, Gilberto. História do Brasil. 1ª Edição. São Paulo: Saraiva, 1994

HERMIDA, Borges. História do Brasil. Império e República. São Paulo: FTD, 1995

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1992

# ANEXO VII



# ANEXO VIII

**Possível diálogo entre o rei de Portugal e um dos seus ministros no início da colonização do Brasil**

- Rei* — Meu caro ministro, a situação econômica do reino não é das melhores.
- Ministro* — Não, Alteza? E o nosso comércio com as especiarias?
- Rei* — Já não somos mais senhores do comércio das especiarias.
- Ministro* — Por quê?
- Rei* — Porque os ingleses, os franceses e os holandeses se intrometeram em nosso caminho.
- Ministro* — E as fortunas que conseguimos com esse comércio?
- Rei* — Fortunas conseguidas são gastas, meu nobre. E se outras fontes de riquezas não são descobertas, as nações empobrecem.
- Ministro* — Quer dizer que Portugal está empobrecendo?
- Rei* — Está!
- Ministro* — E o que devemos fazer?
- Rei* — Tomar providências urgentes!
- Ministro* — Quais, por exemplo?
- Rei* — Transformar o Brasil numa fonte de riquezas!
- Ministro* — Mas para isso é preciso colonizar, e colonizar uma área como o Brasil exige muito dinheiro.
- Rei* — Eu sei! Já mandei Martim Afonso de Sousa iniciar a colonização, porém não é suficiente.

*Ministro* — Eu confesso que não vejo uma solução imediata para o desenvolvimento da colonização do Brasil, Alteza, já que não temos dinheiro para isso.

*Rei* — Eu acho que encontrei uma solução, meu caro nobre!

*Ministro* — E qual é, meu rei?

*Rei* — Dividir o Brasil em capitânicas hereditárias!

*Ministro* — Não entendi, Alteza!

*Rei* — É simples! Eu divido o Brasil em grandes faixas de terra, que vão do litoral até o limite determinado pelo Meridiano de Tordesilhas, e concedo poderes e direitos a alguns homens sobre essas capitânicas.

*Ministro* — E daí, Alteza?

*Rei* — E daí que a obrigação de colonizar as terras do Brasil será desses homens a quem eu conceder as capitânicas.

*Ministro* — Isto quer dizer que serão os donatários das capitânicas que terão de usar o seu próprio dinheiro para colonizar as terras do Brasil?

*Rei* — Perfeitamente!

*Ministro* — Assim Vossa Alteza está transferindo para eles as despesas da colonização!

*Rei* — Este é o segredo, meu caro ministro!

*Ministro* — Parabéns, Alteza! Parabéns!!!

# ANEXO IX

# EXERCÍCIO SOBRE AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

COLONIA

POVOAR

PAU-BRASIL

DIVIDIR

DIREITOS

COLONIZAÇÃO

GOVERNO

HERDEIROS

PORTUGAL

POSSE

HOMENS-BONS

DEVERES

RIQUEZAS

REI

PODER

BRASIL

SISTEMA

DONATÁRIOS

EXPLORAR

ÍNDIOS

CAMARAS

FRACASSO

# ANEXO X

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Aluno(a): \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

Professor-Estagiário: \_\_\_\_\_

### PROVA DO 2º BIMESTRE

- 1) O que foi o sistema de capitanias hereditárias ? Por que tinha esse nome ?
  
- 2) Elabore uma frase para cada palavra ?
  - Pau-Brasil;
  - caravela;
  - colonização.
  
- 3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

# ANEXO XI

LUCIANA  
RELAÇÃO DOS ALUNOS MATRICULADOS NA " 5ª E " DA TARDE  
1996

- 1 - Aderlan Barros do Nascimento
- 2 - Adielson Souza Barbosa
- 3 - Ailton Gomes de Oliveira
- 4 - Allana Creuza da Silva Barbosa
- 5 - Ana Carla dos Santos Lima
- 6 - Angela Maria dos Santos
- 7 - Anne Carolinne Oliveira Duarte
- 8 - Claudenilda Rangel da Silva
- 9 - Dimas Mendes de Araújo
- 10 - Edione Fernandes da Silva
- 11 - Ediva Santos Costa
- 12 - Elenilson Gonçalves dos Santos
- 13 - elizângela Costa dos Santos
- 14 - Fabiano Ednaldo A. de Oliveira
- 15 - Fágner Gomes Barbosa
- 16 - Jairo do Nascimento Silva
- 17 - Janicely Negreiros Sousa
- 18 - Josefa Fabrícia Barros de Macedo
- 19 - José - Wandson Costa da Silva
- 20 - Luciana Moura da Silva
- 21 - Maria Aparecida da Silva Pereira
- 22 - Maria Luíza da Silva

- 23 - Magno Barros de Araújo
- 24 - Miguel Angelo Cavalcante Figueirôa
- 25 - Monalisa Cabral de Oliveira
- 26 - Paula Rafaele da Silva
- 27 - Raniére Silva de Melo
- 28 - Rosicleide dos Santos Paulino
- 29 - Rosilda Honorário da Silva
- 30 - Rizonete Lacerto de Sousa
- 31 - Sandra Maria M. da Silva
- 32 - Sylvania Maciel do Nascimento
- 33 - Sylvania de Sousa Araújo
- 34 - Simone Dias
- 35 - Suédson Gomes Gonçalves
- 36 - Suênia Niedja de Souza Lima
- 37 - Tereza Cristina Freire Costa
- 38 - Varter Luiz de Oliveira Lima Filho
- 39 - Vanderly Martins de Almeida
- 40 - Verônica Moreira dos Santos
- 41 - Vanuza Nogueira de Lima

# ANEXO XII

Lista de presença - 5ª E  
27/05/96

- Teruza Brustina Frutu Costa
- Odessa Santos Costa Nº 12
- Dimas Mendes de Azevedo
- Ramire Silva de Melo
- Residência dos Santos Nº 30
- Edione Fernandes da Silva
- Yosi Richardson Costa da Silva
- Adielson Souza Barbosa
- 9 - Gaira
- 10 - Luciana Moura da Silva
- 11 - Angela Maria dos Santos
- 15 - Osmar Dias
- 16 - Aderlan Barros
- ailton games
- 17 - Elenilson Gonçalves dos Santos
- 18 - Fagner Games Barbosa
- 19 - Suedson J. Gomes Alves
- 20 - Ana Carla dos Santos Lima nº 05
- 21 - Danuza Nequeira de Lima nº 09
- 22 - ~~Adelino~~ ~~Barros~~ ~~de~~ ~~Silva~~ ~~dos~~ ~~Santos~~ ~~de~~ ~~Silva~~
- 23 - Josefa - Opúcia Barros de Moêdo
- 24 - Rosilda Honório da Silva
- 25 - Fabiano Ednaldo Amerim do Oliveira
- Nº 7 - Amme Coradimne Oliveira Duarte

Escola: Estadual do Bodocórnigo

Lista de presença - 03/06/96

- 1- Aderlan Barros do Nascimento.
- 2- Adilson de Souza Barbosa.
- 3- Hilton Gomes do Oliveira
- 4- Alisson Alexandre da Silva Barbosa.
- 5- Amaury dos Santos Lima.
- 6- Angela Maria dos Santos.
- 7- Anne Carolina Oliveira Duarte.
- 8- Claudemir da Rangel da Silva
- 9- Danuza Nogueira de Lima
- 10-
- 11- Edine Fernandes da Silva
- 12- Edilva Santos Costa Nº 12
- 13- Eunilene Gonçalves dos Santos
- 14- Elizângela Costa dos Santos.
- 15-
- 16- Fagner Gomes Barbosa
- 17-
- 18- Janicely N. Sousa.
- 19- Josefa Fofreia Barros de Moeche
- 20- Jovani Ribeiro Costa da Silva
- 21- Luciana Moura da Silva
- 22-
- 23-

Lista de presença

(10/06/96)

Serie: 5ª E

turno: tarde

- 1- Adelson Barbosa do Nascimento.
- 2- Adelson Souza Barbosa
- 3- Hilton Gomes de Oliveira
- 4- Helena Souza da Silva Barbosa.
- 5- Ana Carla dos Santos Lima.
- 6- Angela Maria dos Santos
- 7- Anne Carolina Oliveira Duarte.
- 8- Claudenilda Rangel da Silva.
- 9- Danuza Nequeira de Lima. ♡♡
- 10- Dumas Mendes de Azevedo
- 11- Edine Tommas da Silva
- 12- Edna Santos Costa Nº 12
- 13- Emliton Gonçalves dos Santos
- 14- Elizângela Costa dos Santos
- 15-
- 16- Fagner Gomes Barbosa
- 17- Zaira
- 18- Janiele N. Sousa.
- 19- Josefa Popucira Barros de Moeêdo
- 20- Yasi Anderson Costa da Silva
- 21- Luciana Nova da Silva.
- 22- Zaira
- 23-

# Lista de presença (17/06/96)

5ª F

- 1- Aderlan Barros do Nascimento.
- 2- Adilson Souza Barbosa.
- 3- Hilton Gomes do Oliveira
- 4- Allama Souza da S. Barbosa.
- 5- Ana Carla dos Santos Lima,
- 6- Angela Maria dos Santos
- 7- Anne Cavelline Oliveira Duarte.
- 8- Claudenilde Rangel da Silva
- 9- Danuza Nogueira de Lima ♡ ♡
- 10- Dimas Mendes de Azevedo
- 11- Edinei Fernandes da Silva
- 12- Edina Santos Costa Nº 12
- 13- Elenilson Gonçalves dos Santos
- 14- Elizângela Costa dos Santos
- 15- Fabiano Edvaldo Amarum de Oliveira
- 16- Fagner Gomes Barbosa.
- 17- Jairo do Nascimento Silva
- 18-
- 19- Josefa Adrícia Barros de Moêdo.
- 20- José Wanderson Costa da Silva
- 21- Luciana Souza da Silva
- 22-
- 23-
- 24- Maria Luiza da Silva ♡ ♡
- 25- Miguel Ângelo Cavalcante Figueiredo

Data: 08/07/96.

1-História de Brasil

Lista de presença - 5ª E

- 1- Adilson Gomes Barbosa.
- 2- Adilson Gomes Barbosa.
- 3- Piltom Gomes de Oliveira n.º 03
- 4-
- 5- Ana Carla dos Santos Lima.
- 6- Angela Maria dos Santos.
- 7- Anna Caroline Oliveira Duarte.
- 8- Claudenilde Ramo da Silva.
- 9- Danuza Nogueira de Lima
- 10- Dirceu Mendes de Araújo
- 11- Ediene Fernandes da Silva
- 12- Ediva Santos Costa Nº 12
- 13- Emerson Gonçalves dos Santos
- 14- Elizângela Costa dos Santos.
- 15- Fabiano Edmarcio Pimentem de Oliveira
- 16- Faizner Gomes Barbosa
- 17-
- 18- Fomedy N. Sousa.
- 19- Josefa Fabíca Barros de Macedo
- 20- Jacy Wanderson Costa da Silva
- 21- Luciana Moura da Silva.
- 22- Magno Barros de Araújo
- 23-
- 24- Maria Luiza da Silva
- 25- Miguel Ângelo Cordeiro Figueiredo
- 26- Monalisa Cabral de Oliveira
- 27-
- 28- Ramiro Silva de Mib.

Lista de presença - 5ª E

15/10/96

Sônia  
Sandra  
Romelley  
Danusa.  
~~Ana Paula~~  
Riquel Angelo  
Venilson  
Luciana  
Talita  
Rozilene

33 Silvania Marcel do Nascimento  
Idelson Barros do Nascimento  
ailton Gomes do almeida

1 Silvânia de Souza Araújo

8 Teiza Sorrentina

2 Ediva Santo C.

6 Angela Moura dos Santos.

3 Fátima

4 Alana

Diana

Walter 39

5 Simone

6 Suelson

7 Wilson

\* Adrielson Souza Barbosa.

22/07/96  
22/07/96

# Lista de presença - 5ª série E

22.10.1996

- 20 - Yosi Zelandson Costa da Silva.
- 25 - Miguel Angelo Nascimento Figueiredo.
- 36 - Suênia Cristina de Souza Dama
- 05 - Ana Carla dos Santos Lima.
- 26 - Monalisa Cabral de Oliveira
- ~~40~~ - Sam 40 - Vanderly Martins de Almeida
- 14 - Elizabeth Costa dos Santos
- 32 - Samara Maria
- 04 - Alana Oliveira da S. Barbosa.
- 33 - Silvânia Maciel de Nascimento.
- 15 - Fabiano Edinaldo Amaral de Oliveira
- 22 - Elmano Barros de Araújo.
- 21 - Luciana Moura da Silva.
- 06 - Angela Maria dos Santos.
- 16 - Sagner Gomes Barbosa
- 03 - ~~de~~ Ailton Gomes de Oliveira
- 12 - Rodolfo Santos Costa no. 12
- 7 - Anne Carolinne Oliveira Duarte no 7
- 35 - Dimas Dias
- 01 - Adelarom Barros de Nascimento.
- 02 - Wilson Souza Barbosa.
- 11 - Edine Semmolas da Silva no 11
- 30 - Rosydeide dos Santos Paulino n: 30
- 19 - Fabrícia Barros de Moisés.
- 38 - Luiza Cristina Freire Costa.

Lista de presença - 5ª E

29/07/96 Prova

1. Claudemir da Romojo da Silva  
2. Guémia Nieldy de Souza Lima  
39. Walter da Silva de Almeida Lima Filho.  
05 Ana Carla dos Santos Lima.  
26. Monalisa Cabral de Oliveira.  
40. Vanderly Martins de Almeida  
09 - Danuza Nogueira de Lima.  
25. Miguel Ângelo C. Figueiredo  
36 - Suidson Gomes Gomezes  
14 - Elizângela Costa dos Santos.  
31 - Rosilda Honorio da Silva  
04 - Allana L. da Silva Barbosa.  
33 - Silvânia Marciel do Nascimento -  
7º Anne Caroline Oliveira Duarte.  
15 Fabiano Ednaldo Amorim de Oliveira  
7º Adelson Barros do Nascimento.  
06 - Ângela Maria dos Santos  
21 - Luciana Moura da Silva.  
13 - Emerson Gonçalves dos Santos  
3 - Hilton Gomes de Almeida  
38 - Tereza Beatriz F. Costa  
12 - Edileia Santos Costa  
19 - Josefa Fabiana Barros de M.  
35 - Diniz Dias  
20 - José Wanderson Costa da Silva.

Lista de presença - Estadual da Prata  
10/07/96

SÉRIE: 3º F - 2º grau

1. ~~Edmundo~~ ~~Francisco~~ ~~Francisco~~ ~~Francisco~~ nº 15
2. Daniela da Silva Barbosa nº 12
3. Francinete Gomes de Araujo nº 16
4. Maria José Pereira HLU nº 28.
5. Ediniza Janches de Silva
6. Antônio César Medeiros GAY nº 02
7. Carlos Alécio de Araujo Filhos nº 07
8. Jonathan Lucena Cavalcanti nº 27
9. Wladimir José Gomes Florêncio nº 44
10. Byron de Souza Santos nº 06 GAY
11. ~~Edson~~ ~~Frederico~~ ~~de~~ ~~Silva~~ nº 09
12. ~~Edson~~ ~~Frederico~~ ~~de~~ ~~Silva~~ nº 09
13. Waldo Euzébio Santos nº 13
14. Juliana Sousa Silva nº 22
15. Sandra Cristino Pires de Sousa nº 37
16. Pequeline Felix de Brito nº 90
17. Eveline Alves Batista nº 13.
18. Rogério Nunes Ribeiro nº 35.
19. Tatiane Nunes Ribeiro nº 42.
20. Uélio José Leite Alves nº 41
21. ~~Edson~~ nº 08
22. Paliana S. Saldevino, nº 32.
23. Silma Zenveto da Silva nº 49
24. Madama de Oliveira Rodrigues nº 23
25. Kelly Cristina Régis nº 24
26. Patrícia Dantas Ferraz nº 31
27. Rosário Gomes nº 34
28. Andréa Lacerda nº 03
29. Milena Rodrigues de Oliveira. nº 30.
30. Márcia Elizabeth Seny Souza nº 26

# Lista de presença

Data: 17/07/96

3º F

1. Francinete Gomes de Araujo nº 34
2. Edmar Ferreira Figueiredo nº 35
3. Maria José Pereira ALVES Nº 28
4. Antônio César Medeiros Dantas Nº 01
5. Ramilson Durval de Azevedo Nº 36
6. Carlos Alérico de Araujo Filho nº 07
7. Jonathan Luana Cavallanti Nº 21
8. Wladimir José Gomes Florêncio Nº 44
9. Jacqueline Felix de Brito nº 20
10. Edaldo Figueiredo Santos Nº 34
11. Jailson Cunha de Farias Nº 19
12. William da Silva nº 11
13. Bingson de Souza Santa Nº 06
14. Marcia Milene B. Silva nº 29
15. Huacilente Sales de Oliveira nº 25
16. Ina Paula de Lima nº 03
17. Jania Aparecida da Silva Nº 49
18. Gilson Araujo nº 17
19. Serejo Elvino Salvo nº 39
20. Jara Elaine de Amorim Araújo nº 38
21. Aneli Ferreira da Moura nº 02
22. Samara Medeiros Agra Brandão nº 38
23. Juliana Sousa Silva nº 22
24. Sandra Cristiana Pinho de Sousa nº 51
25. Valiane Nunes Ribeiro nº 42
26. Rogério Nunes Ribeiro nº 36
27. Ebeline Alves Batista nº 13
28. Teófilo José Leite Alves nº 41
29. Cristina R. de Souza nº 10.

Lista de presença - 3º F

Data: 24/07/196

1. Evamundo Gomes de Araujo
2. Espirito Pereira Figueiredo
3. Cláudio da Silva
4. Maria José Pereira Alves.
5. Edinifza Junqueira de J. Silva
6. Antônio César Medeiros Dantas
7. Ramalson Soares Barbalho
8. Carlos Albérico de Souza Filho
9. Wladimir José Gomes Florêncio
10. Jonathan Lucas Cavalcanti
11. Rogério Nunes Ribeiro nº 35
12. Sérgio Souza Santos nº 06
13. Eduardo S. Santos nº 14
14. Juliana Sousa Silva nº 22
15. Sandra Cordeiro Pinto de Sousa nº 34
16. Jacqueline Félix de Brito nº 20
17. Eveline Alves Batista. nº 13
18. Tatiane Nunes Ribeiro nº 42
19. Edilson Patrício de Silva nº 09
20. Somara Medeiros A. Brandão nº 38
21. Albiage Reinaldo Costa nº 05
22. Anadi Ferreira de Sousa nº 02.
23. Juvencio Colares de Amorim Araújo nº 18
24. Sergio Marques Silva 39
24. Gilson Araujo - nº 17
25. Ana Paula de Lima nº 04.
26. Jairo Aparecido da Silva nº 49
27. Marilene Elizabeth Dumiz Souza nº 26
28. Milena Rodrigues de Oliveira. nº 30.
29. Andria Leal nº 03
30. Betuel Dantas nº 31
31. Kelly Cristina Regis nº 24